

ESCOLA DE GUERRA NAVAL

CC FABIANO ROBERTO DIAS

DISSUAÇÃO E DECAPITAÇÃO:

a síntese operada por Drones nas regiões tribais do Paquistão.

Rio de Janeiro

2020

CC FABIANO ROBERTO DIAS

Coerção e Dissuasão:

a síntese operada por Drones nas regiões tribais do Paquistão.

Dissertação apresentada à Escola de Guerra Naval, como requisito parcial para a conclusão do Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores.

Orientador: CC Rafael Rangel Silva

Rio de Janeiro

Escola de Guerra Naval

2020

AGRADECIMENTOS

Inicialmente, agradeço a Deus por sempre iluminar o meu caminho, dando-me forças para superar as dificuldades e sabedoria para tomar as melhores decisões para chegar neste momento ímpar da minha vida.

Aos meus pais, a minha eterna gratidão pelo carinho, pela educação, pela orientação e pelos esforços feitos para que eu tivesse oportunidades de realização pessoal. Tudo o que consegui devo a vocês.

À minha amada esposa Andrea e à minha querida filha Maria Valentina, vocês são a razão do meu viver e a fonte da minha motivação. Todas as dificuldades que passamos juntos serviram para unir cada vez mais a nossa família. Deus é testemunha do quanto eu amo vocês.

Por fim, agradeço ao CF (RM 1) Nagashima pelas orientações e ao CC Rangel, amigo e companheiro da Turma Soares Dutra e do CAAVO 05, pela dedicação e pelas orientações que ajudaram a construir esta dissertação.

RESUMO

As Aeronaves Remotamente Pilotadas (ARPs), ou drones, já fazem parte dos debates sobre a dimensão aérea da guerra. Em dadas situações, podem permanecer por longos períodos sobrevoando alvos em potencial, o que deu início a um debate sobre transformações nas estratégias de emprego do poder aéreo. Com base nesse cenário, o propósito desta pesquisa é verificar o grau de aderência entre o emprego dos drones pelos Estados Unidos da América (EUA) em missões de ataques nas regiões tribais do Paquistão, no período de 2004 a 2016, e as estratégias dissuasiva de negação de John Mearsheimer e coercitiva de decapitação de Robert Pape, tendo como base fontes bibliográficas e documentos disponíveis sobre o assunto. Destaca-se que serão analisados os ataques realizados a forças militares e insurgentes (atores não estatais). O desenho utilizado na pesquisa foi o confronto da teoria com a realidade. Concluiu-se que houve alto grau de aderência entre a realidade e os aspectos teóricos considerados.

Palavras-chave: Drones. Estratégias Coercitivas e Dissuasórias. EUA. Paquistão. Forças Insurgentes. Atores Não Estatais.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 -	Modelo dos cinco círculos de Warden.....	22
Figura 2 -	Mapa das FATA.....	54
Figura 3 -	Principais modelos de drones utilizados pelos EUA.....	57
Gráfico 1 -	Ataques de Drones pelos EUA por presidente (2004 – 2020).....	55
Gráfico 2 -	Número de baixas civis em ataques por drones no Paquistão desde 2004 até 2017.....	56

LISTA DE TABELAS

1- Ataques por drones e seus resultados no período de 2004 a 2016.....	31
--	----

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ARP -	Aeronave Remotamente Pilotada
CIA -	<i>Central Intelligence Agency</i>
COIN -	Contra-Insurgência
DARPA -	<i>Defense Advanced Research Projects Agency</i>
DIH -	Direito Internacional Humanitário
EsqdQE-1 -	Primeiro Esquadrão de Aeronaves Remotamente Pilotadas de Esclarecimento
EUA -	Estados Unidos da América
FATA -	<i>Federally Administered Tribal Areas</i>
HVT -	<i>High Value Targets</i>
IIGM -	Segunda Guerra Mundial
ISI -	<i>Inter Services Intelligence</i>
MB -	Marinha do Brasil
MD -	Ministério da Defesa
ONU -	Organização das Nações Unidas
OTAN -	Organização do Tratado do Atlântico Norte
PGM -	Munições Guiadas com Precisão
TO -	Teatro de Operações
URSS -	União das Repúblicas Socialistas Soviéticas
USAF -	<i>United States Air Force</i>
VANT -	Veículos Aéreos Não Tripulados

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	O USO DO PODER AÉREO DISSUASIVO E COERCITIVO.....	11
2.1	CONCEITO DE DISSUASÃO	12
2.1.1	Estratégias De Dissuasão – A Teoria De John Mearsheimer	13
2.2	CONCEITO DE COERSÃO	16
2.2.1	O Poder Aéreo e as Estratégias Aéreas Coercitivas – A Teoria De Robert Pape.....	18
2.3	DISSUASÃO POR NEGAÇÃO E ESTRATÉGIA COERCITIVA DE DECAPITAÇÃO.....	24
3	ARP NO PAQUISTÃO.....	25
3.1	COMO COMEÇOU	25
3.2	A EXECUÇÃO DOS ATAQUES POR ARP – (CORTANDO CABEÇAS).....	29
3.3	EVITANDO OS DRONES.....	35
4	DECAPITAÇÃO E DISSUASÃO X EMPREGO DE ARP NO PAQUISTÃO... 	39
4.1	CUSTO-BENEFÍCIO E OPORTUNIDADE DA CONJUNTURA	40
4.2	ARP E OS ATORES NÃO ESTATAIS	42
4.3	AS ESTRATÉGIAS COERCITIVAS E DISSUASIVAS NO EMPREGO DE ARP NO PAQUISTÃO.....	43
5	CONCLUSÃO.....	48
	REFERÊNCIAS	51
	ANEXOS	54

1 INTRODUÇÃO

A história mostra que o vetor aéreo, principalmente o avião, teve papel importante em vários conflitos após a Segunda Guerra Mundial (IIGM) e que ele vem se transformando proporcionalmente às descobertas tecnológicas. O mundo acompanhou parte da transformação pela televisão durante a Primeira Guerra do Golfo, em 1991: o irretocável desempenho da *United States Air Force* (USAF), a Força Aérea dos Estados Unidos da América (EUA), executando “ataques cirúrgicos”, contribuiu para a vitória da Coalizão, protegendo a vida de soldados estadunidenses, civis e, porque não dizer, iraquianos.

A *Defense Advanced Research Projects Agency* – Agência de Projetos de Pesquisa Avançada em Defesa – (DARPA) tinha como propósito modernizar Aeronaves Remotamente Pilotadas (ARPs¹), ou drones, para aprimorar sua utilização em tarefas de vigilância. Entretanto, com o número de atentados terroristas, entre os anos 1990 e 2000, os avanços tecnológicos foram utilizados para armar essas aeronaves.

A mudança ocorreu após o 11 de setembro, em 2001, no *World Trade Center*, na cidade de Nova Iorque, EUA. O governo estadunidense, em resposta, começa a caçada a Osama Bin Laden (1957-2011), chefe da *Al Qaeda*, que havia assumido a autoria com o apoio do grupo extremista revolucionário afegão conhecido como Talibã (GROSSMAN, 2018).

Assim teve início a conhecida Guerra ao Terror² e com ela a utilização de mísseis contra alvos selecionados a partir de um drone. Na primeira vez que a estratégia foi adotada, o

¹ Optou-se por não utilizar o termo Veículo Aéreo Não Tripulado (VANT) e sim os termos drones ou Aeronaves Remotamente Pilotadas (ARPs), pois esses são os utilizados na literatura estadunidense sobre o vetor aéreo. Os drones podem voar, mas não transportar um piloto humano, ou seja, são robôs voadores.

² A resposta militar norte-americana ao 11 de setembro. De acordo com Mingst (2014, p. 479) “um poderoso apelo retórico para explorar recursos totais disponíveis [...] de uma determinada sociedade, a fim de derrotar uma tática política; uma implicação-chave da declaração de uma ‘guerra ao terror’ é que devem ser ou serão observados poucos ou nenhum limite para o emprego de recursos da sociedade.”.

ataque utilizou um *Predator*, conforme ilustrado na FIG.3, cujo alvo era Mohammed Ater, liderança militar da *Al Qaeda*, nas regiões tribais do Afeganistão. Foi uma transformação marcante e uma mudança de paradigmas (HIMMES, 2016).

O poder aéreo³, portanto, teve e continua tendo papel significativo em estratégias dissuasivas e coercitivas, que tendem a ser complementares, sinérgicas e não excludentes. Entretanto, o senso comum diz que a coerção tem início após o término da dissuasão. No período da Guerra Fria (1947-1991), com o advento do armamento nuclear, John Mearsheimer (1983) teorizou sobre estratégias dissuasivas pela negação e, no aspecto coercitivo, Robert Pape (1996) afirmou ser possível infligir uma paralisia estratégica ao inimigo utilizando o poder aéreo para decapitar lideranças, a estratégia por decapitação.

Sendo assim, questiona-se: o emprego de drones pelos EUA, em missões de eliminação de lideranças, realizados em regiões tribais do Paquistão, no período compreendido entre 2004 e 2016, possui aderência às teorias de Robert Pape (1996) e de John Mearsheimer (1983)?

Para responder, será realizado o confronto teoria-realidade, isto é, o confronto entre teorias e conceitos do poder aéreo e o emprego do drone em conflitos contra organizações terroristas no noroeste paquistanês. Sabe-se que os ataques também tiveram efeitos colaterais, no entanto não serão abordadas questões de Direito Internacional Humanitário (DIH), que, embora relevantes, ultrapassam a delimitação proposta.

Para atingir o propósito, portanto, a pesquisa foi dividida em cinco capítulos. Posterior a essa introdução, serão exibidos no segundo capítulo os conceitos aplicados às estratégias aéreas coercitivas e as estratégias dissuasivas com o intuito de expor a fundamentação teórica da pesquisa.

³ Entende-se o poder aéreo aqui como o poder militar expressado pelos vetores aéreos de uma ou mais forças.

No terceiro capítulo será apresentada a dinâmica dos ataques e da utilização do ARP, na condução das ações aéreas, no Paquistão, na Guerra ao Terror.

No capítulo seguinte, quarto capítulo, é realizado a comparação da sinergia e simultaneidade das teorias dissuasivas e as teorias aéreas coercitivas na utilização dos drones de forma a verificar a aderência do objeto de pesquisa escolhido as teorias selecionadas.

Finalizando, no quinto capítulo serão apresentadas as conclusões e uma revisão dos aspectos mais importantes e indicações para pesquisas futuras na Marinha do Brasil (MB).

Adiante, as reflexões sobre o poder aéreo dissuasivo e coercitivo serão apresentadas nas teorias de John Mearshimer (1947 -) e Robert Pape Jr (1960 -), respectivamente.

2 O USO DO PODER AÉREO DISSUASIVO E COERCITIVO

A estratégia aérea teve vários momentos nos últimos 100 anos, iniciando com Douhet⁴ e o emprego do bombardeio estratégico (COUTAU-BÉGARIE, 2010) até à teoria do cientista político norte-americano Robert Anthony Pape (1996), que, em seu livro “*Bombing to Win – Air Power and Coercion in War*”, aborda as estratégias aéreas dissuasivas e coercitivas mostrando a sinergia que ocorre entre ambas.

Douhet defendia que as guerras não dependiam mais dos caprichos de seus líderes, mas das necessidades econômicas percebidas. Os conflitos seriam combatidos com todos os recursos disponíveis para forçar um povo a se render, sendo necessário efetuar golpes capazes de destruí-lo completamente em termos materiais e moral. Para finalizar uma guerra rapidamente, seria essencial destruir as forças militares do inimigo e ocupar os pontos vitais do seu território de forma que não conseguisse se recuperar (HIPPLER, 2013).

Para um melhor entendimento dessas estratégias, o capítulo será subdividido em cinco partes. Na primeira, define-se dissuasão, em contexto atual, na visão de Mearsheimer (1983), visando a compreensão das estratégias que serão estudadas na segunda parte, com ênfase na dissuasão pela negação. Na terceira, define-se coerção na visão de Pape (1996) e a sinergia que ocorre entre dissuasão e coerção. Tais conceitos permitirão o entendimento das estratégias coercitivas abordadas na quarta parte, na qual será destacada a coerção de decapitação. Na quinta, apresenta-se uma síntese das ideias abordadas correlacionando as estratégias dissuasiva de negação e coercitiva de decapitação para consolidar o conhecimento teórico sobre a utilização do drone na realidade que será apresentada no próximo capítulo.

⁴ O General italiano Giulio Douhet, um dos três pais fundadores da estratégia aérea, considerava que o poder aéreo poderia suprir todas as dimensões de um conflito convencional (COUTAU-BÉGARIE, 2010).

2.1 CONCEITO DE DISSUAÇÃO

O primeiro bombardeio atômico ocorreu na Segunda Guerra Mundial (IIGM – 1939-1945), em 6 de agosto de 1945, e matou mais de 70 mil pessoas em Hiroshima, Japão. John Hersey, jornalista e escritor estadunidense, descreveu alguns dos horrores, tais como as terríveis queimaduras dos soldados que, provavelmente, estavam olhando para cima no momento da explosão. Como consequência, os rostos ficaram totalmente queimados e o fluido dos olhos derretidos escorria para as bochechas (HERSEY, 2002).

Além disso, devido à capacidade destrutiva da bomba nuclear, as silhuetas das pessoas mortas ficaram gravadas nas pedras produzindo imagens assustadoras. Esses são apenas alguns exemplos dos efeitos de uma bomba atômica em uma cidade. Uma guerra nuclear generalizada hoje seria inimaginavelmente pior (HERSEY, 2002).

Dentre os resultados mais significativos da IIGM, que afetariam o equilíbrio do sistema internacional, estão o nascimento de duas superpotências adversárias, EUA e a então União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), e o concomitante declínio da Europa como epicentro da política internacional (MINGST, 2014).

É nesse contexto que a dissuasão adquire *status* de importância garantindo que não ocorresse destruição mútua entre EUA e a ex-URSS durante o período conhecido como Guerra Fria. Foram quase 45 anos de nervos acirrados, disputas globais extremas e generalizadas. A iminência de um conflito nuclear gerou uma “demanda” pela dissuasão, assim cada lado agia com muita cautela, somente uma vez se chegou perto do conflito direto. Conforme a tecnologia nuclear avançava, ficava mais evidente que, em caso de confronto, ambas teriam seus territórios devastados sem esperança de recuperação (MINGST, 2014).

O processo de dissuasão fica evidente, portanto, quando há uma ameaça de retaliação por parte de um inimigo ou oponente. No contexto de desenvolvimento de armamento

nuclear, a estratégia se revela extremamente importante, pois conseguir com que o oponente desista de efetuar a ação significa, de fato, a sobrevivência de ambos, uma vez que os custos e os riscos não seriam compensados pelos ganhos (MEARSHEIMER, 1983).

Nota-se, então, que a dissuasão se desenvolveu fortemente no período da Guerra Fria justamente pelo desenvolvimento dos artefatos nucleares das grandes potências e pela necessidade de se modificar o estado mental do oponente. Atualmente, com o declínio da corrida nuclear, outros tipos de vetores têm sido utilizados para exercer a dissuasão, como os drones na guerra ao terrorismo.

A seguir, será apresentada resumidamente a teoria de Mearsheimer (1983) cientista político estadunidense e teórico das relações internacionais que se destaca nos trabalhos relacionados à segurança mundial e às estratégias dissuasivas.

2.1.1 Estratégias De Dissuasão – A Teoria De John Mearsheimer

Como já abordado, o ápice do desenvolvimento da dissuasão ocorreu na Guerra Fria em que a preocupação com bombas nucleares era constante. Em linhas gerais, a dissuasão visava impedir a concretização de uma investida nuclear desestimulando a conquista de Estados por meio de ações dessa natureza ou a aquisição desse tipo de armamento (BYMAN; WAXMAN, 2002).

Segundo Knopf (2010), identifica-se quatro ondas de dissuasão: a primeira onda teve início com a bomba atômica, fim da IIGM; a segunda, em 1950, com a ascensão da teoria dos jogos no epicentro da estratégia nuclear; a terceira, em 1970, com o reconhecimento das inerentes imperfeições das estratégias de dissuasão e os limites de sua aplicabilidade – que entrou em declínio com o fim da Guerra Fria e o colapso da balança de poder –; a quarta é a do

atual período, que reflete as ameaças assimétricas, enfatiza os atores não estatais e o papel desempenhado pelas ferramentas não militares (FILIPPIDOU, 2020).

É no contexto da quarta onda que serão inseridos os drones nas estratégias dissuasórias antiterroristas. Sendo assim, dentre as várias concepções de dissuasão, o presente trabalho se limitará a abordar as estratégias de dissuasão por negação e por punição, além disso, será apresentado qual das duas se aplica mais frequentemente ao combate contra oponentes não estatais.

A estratégia de dissuasão pela punição suscita penalidades severas, como escalada nuclear ou sanções econômicas, que estão ligadas à luta local e mundial. O foco da punição não é a defesa direta do compromisso contestado, mas sim ameaças de punições mais amplas que aumentariam o custo de um ataque (MEARSHEIMER, 1983).

Já a dissuasão pela negação procura impedir a ação do oponente, tornando-a inviável ou tornando o êxito improvável, minando a confiança do oponente em alavancar seus objetivos, empregando forças militares locais suficientes para derrotar uma invasão sem risco de perda catastrófica. A negação representa, com efeito, simplesmente a aplicação de intenção e esforço para defender algum compromisso (MEARSHEIMER, 1983).

A estratégia funciona influenciando o cálculo de custo-benefício de um adversário, isto é, adicionando custos a uma ação (punição) ou diminuindo os benefícios esperados com essa ação (negação). Ao se pensar em terrorismo, a ênfase é frequentemente depositada em estratégias de negação, há menos espaço para as de punição (WENGER; WILNER, 2012).

Alguns fatores podem explicar tal ênfase: a punição é difícil de aplicar devido à assimetria de poder, capacidade, intenção, objetivos e motivação entre oponentes estatais e não estatais; a possibilidade de punição maciça contra comunidades que apoiam terroristas em um cenário de baixo conflito não é aceitável e pode ser contraproducente; ainda, a punição

específica envolvendo uso repetido de força limitada, em lugar de ameaças, tem, na melhor das hipóteses, um efeito dissuasivo indireto no nível tático (WENGER; WILNER, 2012).

Além desses, para aplicar punições, os autores precisam ser conhecidos, o que, com a atribuição de terrorismo, é muito difícil. Por último, os desafiantes precisam acreditar que os defensores têm a possibilidade de causar punições. É provável que, por tais razões, a dissuasão pela negação seja mais valorizada no antiterrorismo (WENGER; WILNER, 2012).

A ameaça é o que gera o efeito psicológico, portanto o fator credibilidade não pode ser deixado de lado para que a estratégia tenha sucesso, pois seu objetivo é influenciar as decisões do oponente. Sendo assim, a confiança em dissuadir precisa da credibilidade do dissuadido como contrapartida, pois só haverá sucesso se houver a certeza de que sofrerá consequências caso não aceite a situação imposta (MEARSHEIMER, 1983).

É importante destacar que o componente político também corrobora para a decisão do método que será aplicado. Ressaltando-se que o presente estudo se aprofundará em tal componente somente o necessário para o entendimento teórico proposto, cabe destacar a percepção sobre a relação de custo e risco militar e seu impacto nos benefícios políticos, levando-se em consideração a perspectiva de quem considera a consecução de uma guerra.

Até o presente momento, verificou-se que a dissuasão, em seu plano militar e convencional, resulta da contabilidade de variáveis pelo atacante, ou seja, contabilidade de custos e riscos. Com base nisso, percebe-se que a estratégia mais aplicável e utilizada quando se combate ameaças assimétricas é a dissuasão pela negação, uma vez que uma guerra nuclear seria pouco provável e ocasionaria perdas catastróficas. A definição de coerção será apresentada na próxima seção.

2.2 CONCEITO DE COERÇÃO

Com o fim da Guerra Fria, os EUA despontam como única potência global nos aspectos econômico e, principalmente, militar, o qual tem como foco “gerenciar” os interesses estadunidenses para além de suas fronteiras naturais. Ademais, os EUA passaram a interferir em crises e conflitos iminentes por entenderem como sua responsabilidade fazê-lo, agindo, muitas vezes, independentemente do posicionamento da Organização das Nações Unidas (ONU). Essa mudança de comportamento estratégico permitiu o desenvolvimento, nos dias de hoje, de uma extensa literatura, em grande parte de origem norte-americana, cujo foco são as abordagens com emprego da coerção (PAPE, 1996).

Para apresentar a definição de coerção, é importante correlacioná-la ao conceito de dissuasão, verificando a sinergia que ocorre entre as duas estratégias para uma melhor aplicação da teoria a esta pesquisa.

De acordo com Pape,

“Coerção” significa o esforço para alterar o comportamento de determinado estado por meio da manipulação dos custos e benefícios. Tanto a coerção quanto a dissuasão tem como foco influenciar os cálculos dos decisores adversários, mas a dissuasão busca manter o *status quo*, desencorajando o adversário a mudar de comportamento. Por outro lado, a coerção pretende forçar o oponente a *alterar* seu comportamento. (PAPE, 1996, p. 4, tradução nossa⁵).

Observa-se que

Enquanto a coerção é o outro lado da moeda da dissuasão, as duas estão intimamente ligadas na prática. Ao mesmo tempo em que quem pretende coagir espera forçar o estado alvo a mudar o seu comportamento, o estado alvo pode esperar dissuadir o estado que efetua a coerção de executar a ameaça. (PAPE, 1996, p. 4, tradução nossa⁶).

⁵ No original: “*Coercion*” means efforts to change the behavior of a state by manipulating cost and benefits. Both coercion and deterrence focus on influencing the adversary’s calculus for decision making, but deterrence seeks to maintain the status quo by discouraging an opponent from changing its behavior. By contrast, coercion seeks to force the opponent to alter its behavior.”

⁶ No original: “While coercion is thus the flip side of deterrence, the two can be intimately linked in practice. At the same time that the coercer hopes to force the target state to change its behavior, the target can hope to deter the coercer from executing the threat.”

Pode-se concluir que a coerção funciona ou opera com os mesmos princípios da dissuasão. No entanto, embora sejam atividades complementares, apresentam problemas teóricos distintos, pois a coerção é mais agressiva, e além disso, na percepção do senso comum, se inicia após o término da dissuasão. Nesse sentido, ameaças que podem ser dissuadidas podem não ser coagidas. A dissuasão é facilitada pela “vantagem do agressor” (PAPE, 1996).

Ainda que os Estados usem frequentemente de meios econômicos, diplomáticos ou de outras maneiras de coerção não militar, a coerção militar, isto é, usar de instrumentos militares para mudar o comportamento de um oponente, merece atenção especial, pois é o modo mais usado quando há interesses relevantes em jogo e porque seu uso tem grandes consequências físicas, estruturais e psicológicas (PAPE, 1996).

No entanto, nenhuma estratégia coercitiva será bem-sucedida em todas as circunstâncias. Existem condições sob as quais uma estratégia tem mais probabilidade de ter sucesso em detrimento de outras, principalmente em disputas convencionais, nas quais é mais provável que a coerção obtenha sucesso quando é direcionada às vulnerabilidades militares enquanto, em disputas nucleares, é provável que suceda quando direcionada às vulnerabilidades civis e não militares (PAPE, 1996).

A coerção só terá sucesso quando os custos de uma rendição forem mais baixos do que os de resistência. A rendição, no entanto, às vezes envolve custos sérios, além dos benefícios territoriais abandonados, como mudança forçada de governo, destruição de instituições sociais ou ameaça de genocídio. Quando esses custos equivalem ou excedem os da resistência contínua, a coerção fracassa. A rendição não ocorrerá mesmo que a situação militar seja desesperadora (PAPE, 1996).

A seguir, será apresentada resumidamente a teoria de Pape (1996), que se destaca nos trabalhos relacionados à segurança mundial e às estratégias coercitivas do poder aéreo,

também será apresentada a teoria de John A. Warden III (1943 -) e o seu grau de aderência à estratégia de decapitação.

2.2.1 O Poder Aéreo e as Estratégias Aéreas Coercitivas – A Teoria De Robert Pape

Ostensivo advogado do poder aéreo, Pape (1996) observou que a utilização do vetor aéreo estava aumentando rapidamente. É importante evidenciar que o vetor aéreo tem vantagens em comparação a outros meios no tocante a cenários distantes e se destaca pelo alcance, capacidade, autonomia e permanência, dependendo das bases de operação e de apoio.

Segundo Pape (1996), os vetores aéreos projetam seu poder rapidamente, com risco menor se comparado ao poder terrestre e sendo bem mais preciso e notório em comparação ao poder naval. Ademais, essas características têm aderência com a baixa tolerância dos estadunidenses aos elevados gastos militares. As afirmações do teórico são baseadas em 33 casos em que foram utilizadas as estratégias aéreas coercitivas, sendo que cinco⁷ desses acontecimentos foram usados como exemplos para expor seus pensamentos com mais detalhes.

No emprego da coerção militar moderna, o instrumento mais eficaz para examinar as razões do sucesso/fracasso é o poder aéreo. Estratégias aéreas coercitivas podem ser identificadas por meio de dois critérios: um composto de indicadores específicos, como tempo, conjuntos de metas e munições usadas; e o mais satisfatório critério a ideia de que a aniquilação de um conjunto de alvos pode se converter em alterações comportamentais do inimigo. O esquema alternativo para identificar as diferenças entre essas estratégias se baseia na cadeia de meios para fins assumidos por cada um: força, metas, mecanismo e política (PAPE, 1996).

⁷ Japão, 1944-1945; Coréia, 1950-1953; Vietnã, 1965-1972; Iraque, 1991; Alemanha, 1942-1945 (PAPE, 1996).

A superioridade aérea, por vezes, é tratada como se fosse uma estratégia separada, o que realmente não é. No entanto, de fato, a totalidade das estratégias aéreas coercitivas exige certa supremacia, pois as aeronaves não podem sistematicamente posicionar bombas em nenhum alvo definido se encontrarem forte oposição das forças do inimigo. Ainda assim, as aeronaves não precisam se estender por todo o território inimigo, apenas acima do objetivo definido que se pretende atacar e nos corredores aéreos de aproximação e de saída para os referidos ataques (PAPE, 1996).

Segundo Pape (1996), são quatro as principais estratégias aéreas coercitivas. A primeira seria a punição, que simplesmente destruiria todos os locais das cidades quando aplicada em grau máximo. Missões devem ser executadas à noite já que não há demanda de precisão em grau elevado. As munições empregadas buscariam altas taxas de incêndios e a campanha seria executada o mais intensamente possível, maximizando os efeitos.

Essa estratégia aérea tenta infligir dor aos civis do oponente para sobrecarregar seus interesses territoriais na disputa e levar o governo a rendição por si ou pela revolta (forçada) popular. O poder aéreo pode impor custos terríveis aos civis, bombardeando e saturando os centros populacionais, como ocorreu na IIGM, reduzindo o ímpeto de lutar do oponente (PAPE, 1996).

Além disso, pode causar dor indiretamente e abalar a economia do inimigo, destruindo redes elétricas, refinarias de petróleo, sistemas de água, de esgoto e de transporte. O objetivo é reduzir, substancialmente, a faculdade de uma nação prover uma infraestrutura básica para a população. Sendo assim, haverá, portanto, com o tempo, um aumento da pobreza, das doenças e da fome entre a população em geral (PAPE, 1996).

Esse tipo de estratégia era defendida por Douhet (1942), que se baseava na crença de que a imposição de altos custos pode destruir o moral dos civis desvendando a base social

da resistência, de modo que os cidadãos passem a pressionar o governo para que abandone suas ambições territoriais:

Um colapso completo da estrutura social não pode deixar de ocorrer em um país sujeito a esse tipo de impiedosa pancada no ar. Logo chegaria o momento em que, para acabar com o horror e o sofrimento, as próprias pessoas, impulsionadas pelo instinto de autopreservação, surgiriam e exigiriam o fim da guerra. (DOUHET, 1942, p. 28, tradução nossa⁸).

A segunda é a estratégia de risco, que seriam formas atenuadas de punição no que tange à população civil. As ações não são realizadas com toda a força que se possui, mas gradualmente e com pausas, permitindo ao oponente uma previsão e um preparo para o ataque seguinte. O interesse é fazer com que o coagido busque uma negociação antes que seus habitantes sofram grandes perdas, pois o ponto crucial reside na imposição de custos a civis a uma taxa gradualmente crescente no lugar da destruição de todo o rol de alvos em uma única arremetida (PAPE, 1996).

Conforme afirma Pape (1996), para conseguir atingir seus propósitos, a coerção depende muito mais da ameaça do que poderá acontecer do que dos danos já inferidos, a não ser que o propósito seja golpear o oponente de surpresa, sendo assim a ação militar deve demonstrar claramente que será uma ameaça constante.

A terceira é a estratégia aérea coercitiva de negação. Nesta o poder aéreo objetiva destruir as forças militares oponentes, força inimiga, reduzindo-as para que a força componente terrestre, força amiga, tenha capacidade de conquistar os territórios disputados sem sofrer perdas inaceitáveis (PAPE, 1996).

Estratégias de negação buscam dificultar a estratégia militar da força inimiga para atingir ou manter objetivos territoriais, assim o oponente se vê obrigado a permitir concessões para evitar gastos com outros recursos. As campanhas de negação normalmente focam na

⁸ No original: “*A complete breakdown of the social structure cannot but take place in a country subjected to this kind of merciless pounding from the air. The time would soon come when, to put an end to horror and suffering, the people themselves, driven by the instinct of self-preservation, would rise up and demand an end to the war*”

destruição de fábricas de armamentos, interdição das linhas de suprimentos, paralisia das tropas e da comunicação no teatro e o desgaste de forças do inimigo de campo. Essas estratégias têm como finalidade negar a vitória ao oponente no local de batalha (PAPE, 1996).

Segundo Pape (1996), a negação por si só teria a capacidade de derrotar o oponente, mas, devido às dependências logísticas, haveria uma limitação para a sua utilização em conflitos irregulares, como os do Paquistão aqui estudados. Todavia, cabe ressaltar que ele não cogitava uma possível utilização combinada das estratégias.

Por fim, a quarta é a decapitação, que basicamente consiste em derrubar a liderança de um Estado. É uma estratégia implementada por meio de munições guiadas com precisão (PGM), como as usadas no Iraque e em instalações de telecomunicações. Visto que a liderança é “o calcanhar de Aquiles” de qualquer Estado moderno, independentemente da força ou da capacidade militar-industrial, sem ela toda a estrutura do país desaba. Os ataques também causarão poucos danos colaterais se a inteligência sobre os alvos estiver correta (PAPE, 1996).

O teórico do ar mais intimamente alinhado à estratégia da decapitação, o Coronel John A. Warden III, um dos principais arquitetos da campanha aérea Tempestade no Deserto⁹, defende que a liderança é o principal elemento de determinação do ímpeto de luta de uma nação.

Diz o teórico:

A estrutura de comando [...] é o único elemento do inimigo – seja um civil na sede do governo ou um general que dirige uma frota – que pode fazer concessões. De fato, guerras através da história foram travadas para mudar (ou mudar o pensamento da) a estrutura de comando – para derrubar o príncipe literal ou figurativamente ou para induzir a estrutura de comando a fazer concessões. Capturar ou matar o líder do estado tem sido frequentemente decisivo. Nos tempos modernos, no entanto, tornou-se mais difícil – mas não impossível – capturar ou matar o elemento de comando. Ao mesmo tempo, comunicações de comando têm sido mais importantes do que nunca e são vulneráveis a ataques. (WARDEN, 1992, p. 65 *apud* PAPE, 1996, p. 79, tradução nossa¹⁰).

⁹ Uma das fases mais importantes da Guerra do Golfo, 1991 (PAPE, 1996).

¹⁰ No original: “*The command structure [...] is the only element of the enemy-whether a civilian at the seat of government or a general directing a fleet-that can make concessions. In fact, wars through history have been fought to change (or change the mind of) the command structure – to overthrow the prince literally or figuratively or to induce the command structure to make concessions. Capturing or killing the state’s leader has frequently been decisive. In modern times, however, it has become more difficult – but not*

Warden relaciona o adversário a um sistema constituído por vários subsistemas, os modelos de cinco círculos. Na FIG.1, nota-se que o centro seria a direção, parte vital, e os subsistemas em sua volta as funções orgânicas essenciais, a infraestrutura mandatória para o funcionamento do conjunto, a população, e, finalmente, as forças inimigas (COUTAU-BÉGARIE, 2010).

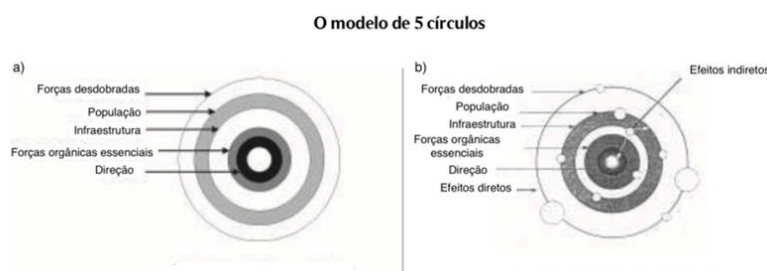


FIGURA 1 – Modelo dos cinco círculos de Warden:

a) O modelo básico dos cinco círculos; e

b) O modelo de cinco círculos com subsistemas.

Fonte: COUTAU-BÉGARIE, 2010

Segundo Pape (1996), na decapitação, três variantes podem ser buscadas para se obter sucesso, cada uma com um mecanismo ligeiramente diferente. O primeiro é a decapitação da liderança, pois acredita-se que é a força motriz por trás da guerra e que eliminá-la levará à paz, porque seus sucessores não são tão comprometidos com os objetivos da guerra ou porque temem também se tornarem alvos.

Já o segundo é a decapitação política, o emprego do poder aéreo para estimular grupos domésticos de oposição a derrubarem o governo e o substituírem por um mais aberto às concessões. Se o mecanismo é uma revolta popular ou um golpe de estado, o poder aéreo aumentará as chances de sucesso atacando os instrumentos de regime do controle interno e interrompendo as comunicações para isolar os líderes de suas fontes de apoio (PAPE, 1996).

impossible – to capture or kill the command element. At the same time, command communications have been more important than ever, and these are vulnerable to attack [...].”

O último é a decapitação militar, que ataca as redes nacionais de comando e de comunicação para isolar a liderança de suas unidades no campo, a fim de que não possa comandar suas forças ou se ajustar aos movimentos dos inimigos. Perdendo o centro de comando, as forças de campo do inimigo entrarão em colapso sob uma leve pressão militar. Pape diz que a liderança de uma nação é como o cérebro de um corpo: destruindo-o, o corpo morre; isolando-o, o corpo paralisa; confundindo-o, o corpo fica incontrolável (PAPE, 1996).

A lógica da decapitação mescla parte da punição e parte da negação. A estratégia de punição visa superar uma fraqueza essencial em tais estratégias, a capacidade aumentada dos governos de reprimir a dissidência na guerra, já a estratégia de negação visa estender a lógica do funcionamento da paralisia aos tomadores de decisão “estratégicos” ou nacionais. Destaca-se que, nos conflitos irregulares, a estratégia de negação apresenta uma limitação, pois esses conflitos não possuem dependências logísticas (PAPE, 1996).

Após serem apresentadas as quatro estratégias aéreas coercitivas, ressaltando aspectos de seus empregos e funcionalidades, em resumo, pode-se dizer que Pape (1996) considerava que apenas a estratégia de negação teria a possibilidade de derrotar o oponente e que ele não vislumbrou a utilização combinada das teorias.

Além disso, foi apresentada a teoria dos cinco círculos de Warden e sua correlação com a estratégia coercitiva de decapitação, depreendendo-se desse estudo teórico que tanto Pape quanto Warden consideram decapitar a liderança como a chave para o sucesso da estratégia, pois, como compara Pape, a liderança é como o cérebro de um corpo humano. (COUTAU-BÉGARIE, 2010).

A seguir, apresenta-se uma síntese do presente capítulo juntamente com a defesa da escolha das estratégias de dissuasão por negação e coerção por decapitação para verificar o seu grau de aderência ao objeto de estudo escolhido.

2.3 DISSUASÃO POR NEGAÇÃO E ESTRATÉGIA COERCITIVA DE DECAPITAÇÃO

Como já discutido, é no contexto da quarta onda, a que vislumbra as ameaças assimétricas, enfatiza os atores não estatais e o papel desempenhado pelas ferramentas não militares (FILIPPIDOU, 2020), que serão inseridos drones nas ações antiterroristas; por esta razão é esta onda que será privilegiada para aplicação nesta pesquisa.

Além disso, após a análise do fundamento teórico, concluiu-se que a dissuasão por negação de Mearsheimer (1983), e não a punição, aplica-se mais ao conceito de utilização de drones. Optou-se também pela estratégia coercitiva de decapitação entre os tipos propostos por Pape (1996), pois é a que mais se aproxima da utilização do drone contra oponentes não estatais; considerando, ainda, as ideias de Warden (1992, 2014), defensor da teoria dos cinco círculos, pois foi o pensador que teve maior identificação com a decapitação.

Cabe destacar que a teoria aqui estudada é anterior ao objeto selecionado, logo Pape (1996) não vislumbrava a possibilidade de utilizar os drones como vetor de uma estratégia aérea. Entretanto, dissuasão e coerção não são mutuamente excludentes, são complementares e, dependendo da situação, podem ocorrer simultaneamente.

Dito isso, é importante destacar que os ataques realizados a forças militares e insurgentes serão analisados tendo-se o cuidado de não descaracterizar e modificar as estratégias propostas. O assunto não será esgotado, porém será abordado de modo suficiente para cumprir o objetivo do estudo. No próximo capítulo, será estudada a utilização dos drones no Paquistão para verificar a aderência das teorias escolhidas.

3 ARP NO PAQUISTÃO

No atual capítulo serão analisados, em quatro seções, os ataques aéreos dos EUA , iniciados com a Guerra ao Terror, nas áreas tribais do nordeste do Paquistão, entre 2004 e 2016: na primeira, será apresentado um breve histórico dos eventos, incluindo como se deu o início da utilização de ARPs e como ocorreu o estreitamento das ligações entre EUA e Paquistão; na seguinte, descreve-se a dinâmica da estratégia aérea coercitiva utilizada com os drones no Paquistão; na terceira, fala-se sobre o efeito dissuasivo que os drones geraram e suas consequências; por fim, é apresentada uma síntese.

3.1 COMO COMEÇOU

Em 25 de junho de 1996, um caminhão carregado de explosivos atacou o alojamento da 4404ª Esquadrilha de Socorro Aéreo, da Força Aérea estadunidense, instalado nas torres Khobar, na cidade de Dhaaran, Arábia Saudita. Marcado como o primeiro, acarretou a morte de 19 soldados e deixou aproximadamente 400 pessoas feridas (GROSSMAN, 2018).

Em 1998, foi a vez das embaixadas norte-americanas no Quênia e na Tanzânia tornaram-se alvos de atentados a bomba, cuja autoria fora atribuída a Osama Bin Laden (1957-2011). Esses atentados deixaram 301 pessoas mortas (GROSSMAN, 2018).

Em 12 de outubro de 2000, o contratorpedeiro USS Cole foi alvo de um “bote-bomba” da rede de Osama Bin Laden. Como consequência, o navio sofreu avarias no casco, 17 marinheiros foram mortos e 39 ficaram feridos. Esse tipo de baixas dificilmente qualquer outra esquadra do mundo conseguiria infligir à marinha estadunidense, não se imaginava que, em 11 de setembro de 2001, poderia ocorrer um atentado ainda maior (GROSSMAN, 2018).

Naquela manhã, duas aeronaves comerciais, um Boeing 767 da American Airlines e um Boeing 757 da United Airlines, que realizavam voos domésticos, foram sequestradas por terroristas muçulmanos e utilizadas como “mísseis” em um ataque suicida às torres gêmeas do World Trade Center. Momentos depois das duas colisões, ambas as torres desabaram. 2.838 pessoas morreram. Simultaneamente, em Washington, outro avião, um Boeing 737 da American Airlines, atingia o Pentágono, o prédio do Departamento de Defesa norte-americano, resultando em 189 vítimas fatais. Na Pensilvânia, uma quarta aeronave sequestrada, outro Boeing 757 da United Airlines, caiu sem atingir seu alvo, provavelmente a Casa Branca ou o Capitólio, matando todas as 44 pessoas que se encontravam a bordo. (VISACRO, 2009, p. 2).

Osama Bin Laden assumiu a autoria. No dia seguinte, em uma reunião, Richard Armitage (1945 -), o então Vice-secretário de Estado dos EUA, cobrou um posicionamento do Paquistão. Em palavras dirigidas à Maleeha Lodhi (1953 -), paquistanesa, à época membro do Conselho Consultivo do Secretário-geral da ONU para Assuntos de Desarmamento, e ao General Mehmood Ahmed, (1944 -) o então Diretor-geral da *Inter-Services Intelligence* (ISI), a Agência de Inteligência do Paquistão, disse que seu Estado deveria escolher: ou o Paquistão se alinhava ao Talibã, no Afeganistão, ou aos EUA (JONES, 2002).

Após a reunião, o General Mehmood Ahmed chamou Islamabad e falou com General Musharraf (1941 -)¹¹. Uma decisão rápida foi tomada, Ahmed disse que “Washington” havia conseguido o que queria. Em outra reunião entre Armitage, Lodhi e Ahmed, foi exposto que os EUA necessitariam de logística básica de suporte e grande cooperação nos assuntos relacionados à inteligência, e Ahmed assegurou que o Paquistão colaboraria (JONES, 2002).

O 11 setembro transformou as relações entre os dois Estados da noite para o dia. Depois de mais de uma década sob amplas sanções dos EUA, por suas atividades de proliferação nuclear e, posteriormente, por um golpe militar, o Paquistão se tornou um aliado em esforços liderados pelos EUA para combater a militância e o extremismo islâmicos (KRONSTADT, 2015).

O Paquistão tem sido um dos principais destinatários da assistência dos EUA por quase 15 anos, tendo recebido mais de US\$ 20 bilhões em economia, segurança e em ajuda

¹¹ Presidente do Paquistão de 20 de junho de 2001 a 18 de agosto de 2008.

humanitária com recursos militares. As administrações dos presidentes George W. Bush (1946 -)¹² e Barack Obama (1941 -)¹³ buscaram um envolvimento próximo com os líderes paquistaneses (KRONSTADT, 2015).

A decisão de Musharraf culminou com Islamabad recebendo uma grande quantidade de recursos financeiros e suporte diplomático com o intuito de ajudar na guerra do governo Bush contra o terrorismo. Entretanto, surgiram dúvidas sobre o comprometimento de Islamabad. A ISI e o exército paquistanês foram criticados por fazerem um “jogo duplo” com os EUA porque, ao mesmo tempo em que alegavam lutar contra o terrorismo, estariam assinando acordos de paz com componentes do Talibã, além de fornecerem apoio secreto a militantes que estavam realizando atividades contra os EUA e as Forças da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) envolvidas no Afeganistão (ASLAM, 2013).

Por conta da desconfiança, os EUA assumiram o controle da missão implementando a política de ataques aéreos com o emprego de drones, em 2004, nas áreas tribais paquistanesas, ou *Federal Administered Tribal Areas* (FATA) – mapa anexo A (ASLAM, 2013).

O primeiro ataque com drone realizado pelos EUA em solo paquistanês aconteceu no dia 19 de junho de 2004. O objetivo era eliminar um experiente líder do Talibã, Nek Muhammad (1974-2004), que havia fugido do Afeganistão após a invasão dos EUA ao país. Ele estava em casa, reunido com colaboradores, no Waziristão do Sul, localizado na região da FATA, quando foi alvejado e morto. (CORTRIGHT; FAIRHURST; WALL, 2015).

A região conhecida como FATA é dividida em sete lugarejos tribais (e mais seis regiões fronteiriças), dentre os quais se destaca Bajaur, Waziristão do Norte e do Sul cuja tradição é conservadora. Os combatentes do Talibã e os da *Al Qaeda* encontraram refúgio nesses lugarejos enquanto os soldados norte-americanos iniciavam a ocupação do Afeganistão em

¹² Presidente dos EUA de 20 de janeiro de 2001 a 20 de janeiro de 2009.

¹³ Presidente dos EUA de 20 de janeiro de 2009 a 20 de janeiro de 2017.

2001; inclusive o Talibã usou o território da FATA como plataforma de lançamento para atacar alvos paquistaneses por colaborarem com os EUA (ASLAM, 2013).

Ao defender o uso de ARPs, o General David Petraeus (1952 -), o então Chefe do Comando da Agência Central de Inteligência dos EUA (CIA), declarou que, ao conduzi-los, o governo estadunidense estava corroborando com o Paquistão. Durante um encontro com autoridades paquistanesas, em 2008, Petraeus insistiu que estaria ajudando o Paquistão, derrubando os inimigos e minimizando os danos colaterais. O então Secretário de Segurança Interna dos EUA, Michael Chertoff (1953 -) também argumentou que é responsabilidade de um Estado soberano garantir que seu território não seja usado para realizar ataques a outros países (ASLAM, 2013).

É importante destacar que existem vários grupos terroristas que atuam no Paquistão, mas, para os fins desta pesquisa, dois foram destacados: a *Al Qaeda* e o Talibã. As duas organizações seguem a religião islâmica e já se uniram, no Afeganistão, entre 1979 e 1989, para combater no conflito ocorrido entre o Paquistão e a ex-URSS (WOLOSZYN, 2010).

Apesar disso, é necessário explicar algumas diferenças entre elas. Por exemplo, no que diz respeito ao Paquistão, a *Al Qaeda* encontrou refúgio nesse país e o Talibã encontrou uma base para praticar ações de insurgências com o intuito de expulsar as tropas estadunidenses do Afeganistão e, assim, reconquistar seu domínio político (WOLOSZYN, 2010).

Em relação às atividades terroristas, o Talibã as executa em maior quantidade do que a *Al Qaeda*. Quanto à organização, ambas possuem uma divisão hierárquica, normalmente grupos com cerca de dez a vinte componentes se conectam ao chamado “núcleo de comando”. Em um nível abaixo, há grupos menores, as células, que, na maioria das vezes, não estabelecem contato direto com o “comando” e são responsáveis por executar ações terroristas. Por fim, há uma célula responsável pela logística das operações (WOLOSZYN, 2010).

Verifica-se que o 11 de setembro foi o estopim de uma escalada de atentados, iniciados na década de 1990, aos EUA, porém os atentados às Torres Gêmeas aproximaram EUA e Paquistão. A desconfiança sobre a lealdade paquistanesa foi o fato decisivo para que os estadunidenses iniciassem a dinâmica da decapitação com drones, como será visto a seguir.

3.2 A EXECUÇÃO DOS ATAQUES POR ARP – (CORTANDO CABEÇAS)

Os drones ou ARPs têm sido uma excelente ferramenta para ser utilizada como estratégia em ações de contra-insurgência¹⁴ (COIN) e ações de contra-terrorismo¹⁵, isto é, em conflitos assimétricos. Eles desempenham um importante papel no século XXI, localizando e seguindo alvos com câmeras e outros sensores. Após as forças armadas e as agências de inteligência identificarem membros ativos de um grupo terrorista ou grupo insurgente, é possível atacá-los ou capturá-los (GROSSMAN, 2018).

Em que pese ser controlado pelo governo estadunidense, é importante destacar que o programa de drone é conduzido pelos militares e pela *Central Intelligence Agency* (CIA). De acordo com Jane Mayer,

O governo dos EUA executa dois programas de drones. A versão militar, que é reconhecida publicamente, opera nas zonas de guerra reconhecidas do Afeganistão e do Iraque e tem como alvo os inimigos das tropas americanas ali estacionadas. Como tal, é uma extensão da guerra convencional. O programa da C.I.A. é voltado para suspeitos de terrorismo em todo o mundo, inclusive em países onde as tropas dos EUA não estão localizadas. Foi iniciado pelo governo Bush e, de acordo com Juan Zarate, consultor em contraterrorismo na Casa Branca de Bush, Obama deixou praticamente todos os funcionários importantes. O programa é classificado como secreto, e a agência de inteligência se recusa a fornecer qualquer informação ao público sobre

¹⁴ Definida pelos EUA como ações para simultaneamente combater e conter insurgentes.

¹⁵ Também antiterrorismo, um conjunto de ações, táticas, técnicas e estratégias voltadas ao combate do terrorismo.

onde opera, como seleciona alvos, quem está no comando ou quantas pessoas foram mortas. (MAYER, 2009, tradução nossa¹⁶).

Para ter uma visão quantitativa, Nicholas Grossman (2018) fez um levantamento completo das informações envolvendo o número de lançamentos de ARP no Paquistão desde 2004, conforme observado na tabela TAB. 1, retirada na íntegra do estudo de Grossman para ilustrar a discussão ora proposta. Para os fins da pesquisa, ressalta-se que não haverá distinção entre quem foi o autor dos ataques com drones, se militares ou a CIA, somente caso a informação seja relevante; será considerada a execução dos realizados¹⁷.

Na TAB. 1, é possível observar que, no governo de Bush, o uso de ARPs teve um acréscimo relevante no ano de 2008, ano de eleições norte-americanas. No decorrer do mandato de Obama, a quantidade aumentou consideravelmente, atingindo o seu pico em 2010. Porém, também se nota que, após esse pico, há uma queda na quantidade de lançamentos revelando o declínio do número de surtidas (GROSSMAN, 2018).

Além disso, a TAB. 1 resume, em uma análise comparativa simples, a quantidade de ataques, de 2004 a 2016, com uma estimativa do total de mortes, total de mortes de militantes, porcentagem de mortes de civis e a quantidade de decapitações que ocorreram ao longo desse período (GROSSMAN, 2018).

¹⁶ No original: “*The U.S. government runs two drone programs. The military’s version, which is publicly acknowledged, operates in the recognized war zones of Afghanistan and Iraq, and targets enemies of U.S. troops stationed there. As such, it is an extension of conventional warfare. The C.I.A.’s program is aimed at terror suspects around the world, including in countries where U.S. troops are not based. It was initiated by the Bush Administration and, according to Juan Zarate, a counterterrorism adviser in the Bush White House, Obama has left in place virtually all the key personnel. The program is classified as covert, and the intelligence agency declines to provide any information to the public about where it operates, how it selects targets, who is in charge, or how many people have been killed.*” (MAYER, 2009).

¹⁷ A pesquisa demonstrou que os ataques foram efetuados contra agentes não estatais.

TABELA 1
Ataques por drones e seus resultados no período de 2004 a 2016

Year	Drone Strikes	Estimated Total Deaths		Estimated Militant Deaths		Percentage Civilian Deaths ⁷		Est. Militant Leader Deaths
		Low	High	Low	High	Low	High	
2004-7	10	154	201	43	76	72.08	62.19	3
2008	36	218	348	157	263	27.98	24.43	11
2009	54	358	708	240	516	32.96	27.12	10
2010	122	525	831	484	777	7.81	6.50	13
2011	72	393	623	317	528	19.34	15.25	5
2012	48	229	365	210	330	8.30	9.59	8
2013	26	120	161	117	156	2.50	3.11	12
2014	22	128	157	128	157	0.00	0.00	5
2015	10	50	61	48	59	4.00	3.28	1
2016	3	8	11	8	11	0.00	0.00	2
Total	403	2183	3466	1752	2873	19.74	17.11	70

Fonte: GROSSMAN, 2018

De acordo com Grossman (2018), Obama autorizou um aumento significativo na frequência desses ataques, sendo que o primeiro ocorreu poucas horas após sua posse. Segundo o autor, a *New America Foundation* registrou que houve um total de 54 em 2009, 122 em 2010, 72 em 2011 e 36 até 22 de setembro de 2012, confirmando os números mostrados na tabela acima (GROSSMAN, 2018).

Alguns desses foram efetuados contra *High Value Targets* (HVT), isto é, alvos de alto valor, cuidadosamente selecionados com informações de inteligência, nos quais estão incluídos: Saad Bin Laden (1979 - 2009), um dos filhos de Osama Bin Laden, envolvido nos ataques no norte da África; Baitullah Mehsud (1972 - 2009), o líder do Talibã paquistanês, que lutou contra forças de segurança paquistanesas; Abu Laith Al Libi (1967 - 2008), que planejou a missão suicida realizada na base aérea de Bagram no Afeganistão por ocasião da visita do ex-vice-presidente dos EUA, Dick Cheney (1941 -); e Rashid Rauf (1981 - 2008), que arquitetou a explosão de aviões em um voo partindo de Londres com destino aos EUA. As ações com ARPs aconteceram em toda a FATA, principalmente nas regiões do Waziristão, 70,89% no Norte e 24,05% no Sul (ASLAM, 2013).

O ataque a Baitullah Mehsud é descrito por Jane Mayer (2009), em seu artigo, que demonstra o passo a passo da ação pelo ponto de vista de um observador que estava fora do contexto:

[...] drone Predator, um avião não tripulado, controlado remotamente, que pairava, sem ser detectado, duas milhas ou mais acima da casa. O ministro do Interior do Paquistão, A. Rehman Malik, me disse recentemente que Mehsud estava descansando. Malik, usando as mãos para fazer uma moldura, explicou que os alvos do Predator podiam ver o corpo inteiro de Mehsud, não apenas o topo da cabeça. “Era uma imagem perfeita”, disse Malik, que assistiu ao vídeo mais tarde. “Costumávamos ver filmes de James Bond onde ele falava no sapato ou no relógio. Nós pensamos que era um conto de fadas. Mas isso foi fato! A imagem permaneceu tão estável quando a C.I.A. lançou remotamente dois mísseis Hellfire do Predator. As autoridades assistiram à explosão de fogo em tempo real. Depois que a nuvem de poeira se dissipou, tudo o que restava de Mehsud era um torso destacado. Onze outros morreram: sua esposa, seu sogro, sua sogra, um tenente e sete guarda-costas. (MAYER, 2009, tradução nossa¹⁸).

Entre 2002 e 2007, o governo Bush utilizou drones para atacar suspeitos de terrorismo em uma política chamada de “target killings”¹⁹. Buscava-se membros significativos e HVT das organizações terroristas, principalmente lideranças. Em 2008, Bush autorizou o que ficou conhecido como “signature strikes”²⁰ ou “terrorist attack disruption strikes”²¹, ou seja, ataques contra suspeitos com comportamento condizente com o de um membro de organização terrorista. Além disso, tinham como alvos militantes que demonstravam características de líderes em fuga (KAAG; KREPS, 2014).

Segundo Roggio e Mayer (2009), desde janeiro de 2008, as ações estadunidenses com ARPs, no Paquistão, executaram 13 líderes da *Al Qaeda* e 01 do Talibã. Ainda, 08 líderes²² foram mortos em 2008 e 06 líderes²³ em 2009. Além disso, 16 comandantes e agentes intermediários da *Al Qaeda* e do Talibã foram executados desde janeiro de 2008.

¹⁸ No original: “[...] Predator drone, a remotely controlled, unmanned plane that had been hovering, undetected, two miles or so above the house. Pakistan’s Interior Minister, A. Rehman Malik, told me recently that Mehsud was resting on his back. Malik, using his hands to make a picture frame, explained that the Predator’s targeters could see Mehsud’s entire body, not just the top of his head. “It was a perfect picture,” Malik, who watched the videotape later, said. “We used to see James Bond movies where he talked into his shoe or his watch. We thought it was a fairy tale. But this was fact!” The image remained just as stable when the C.I.A. remotely launched two Hellfire missiles from the Predator. Authorities watched the fiery blast in real time. After the dust cloud dissipated, all that remained of Mehsud was a detached torso. Eleven others died: his wife, his father-in-law, his mother-in-law, a lieutenant, and seven bodyguards.” (MAYER, 2009).

¹⁹ Lista de alvos: assassinato intencional de um indivíduo específico, geralmente realizado contra soldados inimigos, mas também usado para outros fins (tradução nossa).

²⁰ Ataques por assinatura (tradução nossa).

²¹ Ataques de interrupção de ações terroristas (tradução nossa).

²² Abdullah Azzam, Abu Zubair al Masri, Abu Jihad al Masri, Khalid Habib, Abu Haris, Abu Khabab al Masri, Abu Sulayman Jazairi e Abu Laith al Libi (ROGGIO; MAYER, 2009).

²³ Ilyas Kashmiri, Najmuddin Jalolov, Mustafa al Jaziri, Baitullah Mehsud, Osama al Kini e Sheikh Ahmed Salim Swedan (ROGGIO; MAYER, 2009).

Embora seja improvável que os ataques de decapitação destruam grupos terroristas e insurgentes, eles podem degradar suas capacidades. Analisando os números, verificou-se que foram realizadas 118 tentativas de decapitação entre 1975 e 2003. Líderes terroristas habilidosos aumentam a eficácia operacional de grupos terroristas e insurgentes e, por isso, removê-los pode ajudar nas ações antiterrorismo (GROSSMAN, 2018).

A intensidade dos conflitos tende a diminuir após o sucesso de ataques por decapitação. As evidências da campanha norte-americana de drones, no Paquistão, entre 2007 e 2011, mostram que houve uma diminuição na frequência e na letalidade de ações terroristas. Isso sugere que a campanha de drones reduziu a capacidade dos grupos e as reações negativas entre os paquistaneses não foram suficientes para complementá-los (GROSSMAN, 2018).

Tais resultados apontam que a importância de líderes individuais determina o valor dos ataques de decapitação. Osama, por exemplo, trouxe membros díspares para a organização, muitos com juramentos de lealdade a ele. Além disso, era considerado o principal porta-voz do grupo e uma figura inspiradora. Dada a sua centralidade, é difícil substituir sua representação; qualquer outro líder seria incapaz de duplicar suas contribuições (GROSSMAN, 2018).

O número decrescente de ataques por ARP e mortes associadas a estas após 2010 demonstra a eficácia da campanha, pois houve diminuição na disponibilidade de alvos. Embora isso possa ser uma evidência, já que as ações eliminaram uma porcentagem significativa de membros de grupos terroristas, o declínio também pode indicar que os insurgentes ajustaram seu comportamento para reduzir suas vulnerabilidades aos ataques aéreos.

Em 2010, líderes do Talibã, no Paquistão, admitiram que o medo de drones levou o grupo a se esconder em cavernas. Isso sugere que a campanha de ARP no Paquistão interrompeu as operações de insurgentes no Teatro de Operações (TO) do Afeganistão-Paquistão, matando combatentes e líderes e negando aos membros restantes a capacidade de operar abertamente (ASLAM, 2013).

Embora muitos HVT tenham sido eliminados, vários civis também foram mortos, e essa questão é uma das principais controvérsias levantadas. O ataque inadvertido a cidadãos inocentes, independentemente do número exato, levanta questões convincentes relacionadas a *jus in bello*²⁴ e *jus ad bellum* (ASLAM, 2013).

A contagem de vítimas permanece sujeita a especulações, mas estima-se que 10 líderes militantes foram mortos por drones, em 2009, além de centenas de militantes e de membros de nível inferior; o número de civis mortos está, de fato, diminuindo com o tempo, como sugere o *The Bureau of Investigative Journalism*, especificamente, o nível de mortes de não-combatentes caiu de 25% do total em anos anteriores para cerca de 6% em 2010 (ASLAM, 2013).

É possível verificar que os governos Bush e Obama realizaram buscas por “alvos-chave” com intuito de dismantlar grupos terroristas ou reduzir sua capacidade de atuação. Em suma, a TAB. 1 (apresentada anteriormente) sintetiza o que foi abordado e permite uma precisa correlação dos ataques de decapitação por drones e suas consequências, positivas ou negativas.

Pelo exposto, percebe-se que, no que pesem os efeitos colaterais, a pesquisa demonstrou, até de maneira quantitativa, que os EUA conseguiram atingir as lideranças das agências não estatais, objetivo principal da estratégia coercitiva de decapitação, dismantlando grupos insurgentes.

Na próxima seção, será analisada a dissuasão nos ataques evidenciados, focando-se no efeito dissuasivo que o drone causa pela sua presença na cena de ação ou pela desconfiança de sua presença no ar e a aplicação de tal estratégia, fora do seu contexto convencional, contra atores não estatais.

²⁴ O Direito Internacional Humanitário (DIH), ou *jus in bello*, é aquele que rege o modo como a guerra será conduzida. O DIH age em prol da diminuição do sofrimento causado às pessoas independentemente dos motivos ou justificativas para a guerra, ou para a sua prevenção – áreas cobertas pelo *jus ad bellum* (INTERNATIONAL COMMITTEE OF THE RED CROSS, 2010).

3.3 EVITANDO OS DRONES

Embora limitadas, evidências disponíveis sugerem que a campanha com ARPs degradou as capacidades da *Al Qaeda* e contribuiu para o declínio do seu principal grupo. Os drones mataram cerca de 60 integrantes experientes da organização, entre os quais lideranças em operações de planejamento, de finanças, de logística, de comunicações e de treinamento (LAHOUD *et al.*, 2012).

Cartas²⁵ descobertas no complexo de Osama Bin Laden revelam que estava preocupado com essa perda, pois ela obriga a ascensão de líderes inferiores, não tão experientes, como ex-líderes, o que conseqüentemente leva a uma série de erros primários (LAHOUD *et al.*, 2012). Dada a importância, portanto, a *Al Qaeda* dedica o seu já limitado tempo em “capacitação cerebral” de novos líderes e utiliza suas finanças para manter os mais experientes em segurança, o que significa menos desenvolvimento de estratégia, elaboração de propaganda e planejamento (GROSSMAN, 2018).

Além disso, o medo de drones prejudicou a comunicação do comando com seus grupos, bem como sua capacidade de conhecer, treinar e recrutar novos membros. Um documento, conhecido como *The Al Qaeda Papers – Drones*, descoberto em edifícios anteriormente ocupados por membros da organização, no Magrebe Islâmico, revela um conjunto de recomendações táticas que deveriam ser usadas pelos militantes no combate aos drones. Algumas são excessivamente ambiciosas, como usar atiradores de elite – embora seja possível abater drones menores e mais lentos, voando mais perto do chão, seria difícil derrubar um *Reaper* com um *rifle* (CALLIMACHI, 2013).

²⁵ Ver: *Letters from Abbottabad: Bin Ladin Sidelined?* (LAHOUD *et al.*, 2012).

Outras recomendações subestimam os sensores dos drones, como espalhar pedaços de vidro em um carro ou no telhado do edifício e usar bonecas e estátuas fora dos esconderijos para enganá-los (CALLIMACHI, 2013). Apesar disso, há recomendações mais sensatas, como não permanecer no quartel general, evitar se reunir em áreas abertas, evitar ser descoberto direta ou indiretamente, especialmente à noite, o que evidencia o conhecimento das câmeras infravermelhas, buscar coberturas sob árvores grossas ou em cavernas (GROSSMAN, 2018).

O documento instrui, ainda, os combatentes a se afastarem de veículos ao desembarcarem, especialmente quando estiverem sendo perseguidos ou durante combate. Quando cientes de que seu veículo está sendo caçado por um drone, devem deixá-lo imediatamente e todos devem seguir direções diferentes. Isso faz sentido, já que objetos maiores são mais fáceis de serem rastreados e, portanto, mais vulneráveis aos mísseis do que os indivíduos. Contudo, evitar veículos dificulta ainda mais a movimentação da *Al Qaeda*, reduzindo a mobilidade dos ataques, a capacidade de mudar de posição ou de fugir durante o combate e a quantidade de território em que uma célula pode operar (GROSSMAN, 2018).

No *The Al Qaeda Papers – Drones*, também há instruções para que os operadores mantenham equipamentos sem fio em silêncio completo, os líderes não poderiam usar qualquer equipamento de comunicação, o que demonstra uma conscientização sobre os meios utilizados pelas agências de inteligência para realizar escutas. Tais medidas tornariam mais difícil a descoberta de membros e de planos do grupo, no entanto limitam suas ações. Se os membros temem usar equipamentos de comunicação e evitam se encontrar pessoalmente, exceto sob condições específicas, sua capacidade de planejar e de coordenar as atividades fica extremamente reduzida (GROSSMAN, 2018).

No documento ainda há uma recomendação para formar grupos específicos para caçarem espões e agentes como parte da estratégia “anti-drone”, indicando como a paranoia limita os esforços de coesão e de recrutamento da rede terrorista. Informações sobre a

organização central da *Al Qaeda*, no Afeganistão e no Paquistão, indicam que recrutas, vindos da Europa, receberam treinamento parcial devido ao temor de que eles, deliberadamente ou inadvertidamente, fornecessem aos operadores dos drones informações fragmentadas (GROSSMAN, 2018).

Além disso, os campos de treinamento possuem características que denunciam a localização e isto obriga o grupo a mudar de lugar constantemente e se esconder em cavernas ou cabanas pequenas. Tal cenário agrava o problema das perdas de liderança, reduzindo as interações que cultivam a confiança interpessoal e dificultando a avaliação e promoção de novos talentos (GROSSMAN, 2018).

À luz do que foi apresentado até aqui, verifica-se que a iminência de um ataque pode gerar resultados positivos, basta apenas que se desconfie de sua presença nos céus. Embora a formulação de estratégia dissuasória contemple, a princípio, as dimensões nuclear e convencional, é possível perceber que obteve sucesso contra agentes não estatais. Ressalta-se que foram abordados apenas os efeitos dissuasórios contra a *Al Qaeda*, pois a riqueza de detalhes encontrada nos documentos citados possibilitou formular conclusões com mais qualidade.

3.4 UMA SÍNTESE

Considerando o objetivo firmado, nota-se que houve um esforço de ambos, Bush e Obama, para identificar e eliminar lideranças e ameaças terroristas e que houve uma diminuição, um desmantelamento das infraestruturas de organizações terroristas com a utilização dos drones.

Tais ações ganharam força após o 11 de setembro, que resultou em um estreitamento das relações entre o Paquistão e os EUA para combater o terrorismo, e os efeitos dessa aproximação ficaram evidentes principalmente no aspecto econômico, pois os EUA destinaram considerável quantidade de recursos financeiros à nação paquistanesa.

Devido à crescente desconfiança estadunidense sobre o papel paquistanês, foi iniciada a estratégia com drones, resultado de um trabalho de inteligência bem executado e elaborado. Com certeza ocorreram erros com consequentes efeitos colaterais, mas, como já mencionado, o foco desta pesquisa é a estratégia. Portanto, com base em uma análise quantitativa e qualitativa, foi possível concluir que a campanha com drones buscou decapitar as lideranças para paralisar os grupos insurgentes. Os documentos citados anteriormente foram sobre a *Al Qaeda*, mas é pertinente ressaltar que membros do Talibã também foram atacados.

Por fim, o drone contribuiu para o efeito dissuasório restringindo e limitando as ações dos agentes não estatais. Somente a desconfiança de que havia um drone sobrevoando foi suficiente para paralisar ou retardar as ações terroristas e isso favoreceu o enfraquecimento logístico desses grupos. Por outro lado, foi possível perceber que a dissuasão foi aplicada em contexto diferente do usual. Normalmente é utilizada em conflitos convencionais, mas evidenciou-se que foi eficiente contra agentes não convencionais, o que reforça a possibilidade de haver aderência entre o objeto de estudo descrito e as teorias selecionadas, o que será verificado no próximo capítulo.

4 DECAPITAÇÃO E DISSUASÃO X EMPREGO DE ARP NO PAQUISTÃO

Nos capítulos anteriores, foram expostos os conceitos de dissuasão por negação e por punição de Mearsheimer (1983) assim como os conceitos de estratégias coercitivas de punição, negação, risco e decapitação de Pape (1996). Também foi realizado um breve estudo sobre o desenrolar dos ataques de ARPs nas regiões tribais do Paquistão após 2001, destacando as estratégias utilizadas com o intuito de verificar se a realidade estudada teve aderência às considerações teóricas apresentadas. A partir de fatos, documentos, quantidade de surtidas, bem como a maneira que foram conduzidos os ataques, objetiva-se obter uma identificação dos eventos com as bases teóricas da coerção e da dissuasão contemporâneas.

Para uma melhor compreensão dos eventos ocorridos nas regiões das FATA e com o intuito de enriquecer o conhecimento necessário para realizar a comparação final, o capítulo foi dividido em três seções. Inicialmente, apresentam-se algumas peculiaridades sobre o custo-benefício da utilização dos drones e as condições econômicas que contribuíram para o salto da utilização dos drones nos mandatos de Bush e de Obama.

Na segunda seção, será abordada a utilização dos drones contra os oponentes não estatais em um conflito não convencional. Por fim, a última seção tem como intuito atingir o objetivo final, isto é, verificar a aderência da estratégia de decapitação de Pape (1996) e de dissuasão por negação de Mearsheimer (1983) na utilização dos drones, e como é a sinergia dessas duas teorias nos ataques realizados por drones nas regiões tribais do Paquistão.

4.1 CUSTO-BENEFÍCIO E OPORTUNIDADE DA CONJUNTURA

Nesta seção será analisada a conjuntura militar, econômica e motivacional que serviu de base para a utilização dos drones no Paquistão. Nos capítulos anteriores, demonstrou-se como teve início o uso do drone, mas, para uma análise mais qualitativa, serão abordadas questões referentes ao baixo custo das operações com drones e ao crescimento destas no governo Obama, contexto posterior ao que motivou as operações no governo Bush, isto é, a necessidade de resposta ao atentado de 11 de setembro.

Quando assumiu a presidência, Obama já enfrentava pressões internas e externas para retirar as tropas estadunidenses do Oriente Médio. Passado o sentimento de resposta ao atentado das torres gêmeas, as ocupações militares no Afeganistão e no Iraque foram muito criticadas por seu caráter ilegal e seus custos elevados. Entretanto, havia riscos nessa retirada imediata, além de pressão de outros Estados pela manutenção das tropas (PERON; DIAS, 2018).

Os drones não são baratos, mas custam bem menos do que aeronaves tripuladas; não têm capacidade de acomodar uma pessoa, como um *cockpit*, não têm assento de ejeção, paraquedas ou pressão aerodinâmica sobre o piloto. Por exemplo, cada novo F/A-18 *Hornet Fighter* custa US\$ 57 milhões, o F-22 mais avançado US \$ 143 milhões e cada F-35 *Joint Strike Fighter* de US\$ 98 a US\$ 116 milhões, dependendo das especificações. Esses são custos aproximados de novas unidades e não refletem custos irrecuperáveis, como gastos com pesquisa e desenvolvimento. Comparativamente, estima-se que cada F-22 custe aos EUA cerca de US\$ 150 milhões enquanto cada *Reaper* custe US\$ 16,05 milhões, incluindo o equipamento de controle de solo, ligação por satélite e o próprio drone (GROSSMAN, 2018).

Proporcionalmente à saída das tropas do Afeganistão, os investimentos estadunidenses em ARPs aumentavam, sendo US\$ 363 milhões antes do 11 de setembro, em

2001, e US\$ 2,9 bilhões em 2013. A previsão era de que, em 2019, os gastos com ARPs ultrapassassem US\$ 6,05 bilhões (GETTINGER, 2018). Inclusive, em 2013, Obama discursou na *National Defense University* ressaltando o grande papel desempenhado pelos drones em ataques cirúrgicos:

Como aconteceu em conflitos armados anteriores, essa nova tecnologia levanta questões profundas sobre quem é o alvo e por quê; sobre vítimas civis e o risco de criar novos inimigos; sobre a legalidade de tais ataques sob o direito estadunidense e internacional; sobre responsabilidade e moralidade. Então deixe-me abordar estas questões. Para começar, nossas ações são eficazes. [...] Dezenas de comandantes altamente qualificados da *Al-Qaeda*, treinadores, fabricantes de bombas e militantes foram retirados do campo de batalha. Conspirações que teriam como alvo a aviação internacional, sistemas de trânsito dos EUA, cidades europeias e nossas tropas no Afeganistão foram desfeitas. Simplificando, esses ataques salvaram vidas. (OBAMA, 2013, tradução nossa²⁶).

Verifica-se que o baixo custo de operação com ARP, quando comparado com os caças, sempre foi um atrativo para dar prosseguimento ao projeto antiterrorismo nos dois governos: Bush contou com o sentimento de “dar o troco” pelo 11 de setembro para iniciar a caçada a Bin Laden, já Obama aproveitou o momento, conseguiu localizar e matar o terrorista que causou tanta dor aos EUA. Percebe-se que a vontade de uma sociedade somada ao fator econômico, nos dois períodos, deu certo. Isso favoreceu a utilização dos drones em confrontos não convencionais, questão que será abordada a seguir.

²⁶ No original: “As was true in previous armed conflicts, this new technology raises profound questions – about who is targeted, and why; about civilian casualties, and the risk of creating new enemies; about the legality of such strikes under U.S. and international law; about accountability and morality. So let me address these questions. To begin with, our actions are effective. [...] Dozens of highly skilled Al Qaeda commanders, trainers, bomb makers and operatives have been taken off the battlefield. Plots have been disrupted that would have targeted international aviation, U.S. transit systems, European cities and our troops in Afghanistan. Simply put, these strikes have saved lives.”

4.2 ARPE OS ATORES NÃO ESTATAIS

Nesta seção será abordada a utilização dos drones contra agentes não estatais, mostrando-se a diferença entre um conflito não convencional e um conflito regular. Para complementar o entendimento, faz-se mister o conhecimento de uma característica chave no caso exposto no capítulo anterior. Após os atentados de 11 de setembro e a declaração da Guerra ao Terror, os EUA passaram a enfrentar um adversário que, ao contrário de um conflito convencional contra um Estado, era uma organização terrorista.

Basicamente, o que caracteriza uma guerra contra o terrorismo é a assimetria de forças que ocorrem entre ator estatal e outro não estatal. Conquistar e manter uma posição estratégica bem como aniquilar as forças oponentes são ações ineficientes contra agentes não estatais, pois esta é uma guerra irregular.

Atores não estatais impõem desafios à segurança do sistema mundial, desgastando a soberania e a estabilidade de seus “Estados base”; em todo o mundo, buscam oportunidades para estabelecer bases de operação em territórios soberanos de tais Estados – geralmente são ações insurgentes e campanhas terroristas contra outros Estados, com ou sem o apoio dos “Estados base”, como feito pela *Al Qaeda*, no Afeganistão. Os Estados que servem de base para tais grupos são vistos como responsáveis ou tacitamente cúmplices de ações terroristas e, cada vez mais, tornam-se alvos legítimos de coerção (GREENHILL; KRAUSE, 2018).

Antes a guerra convencional era previsível e, mais importante, focada em atores legítimos, ou seja, atores estatais, os quais usavam métodos, táticas e armas comuns. O conflito com inimigos não estatais acrescentou uma nova dimensão à natureza da guerra, e os modos pelos quais é travada se tornaram, em grande parte, imprevisíveis. Dentre as mudanças, embora os elementos de continuidade ainda sejam visíveis, pois os oponentes usam uma mistura de

táticas novas e convencionais, tais conflitos tornaram as características da guerra mais assimétricas, o que dificulta a identificação de inimigos (RAVICHANDRAN, 2011).

Nessa nova concepção de guerra, os drones se destacam por “sua capacidade de ver e de pensar”. Seus sistemas de navegação podem ser programados para que voem da decolagem ao pouso e eles estão equipados com o estado da arte de sensores visuais e com tecnologia de vídeo de última geração, que permite vigilância no escuro e por entre nuvens. Além disso, com certeza, a mais importante característica dos drones é a segurança do operador, que os controla a distância e, assim, não se torna alvo de ataques de insurgentes.

Nesse contexto econômico e motivacional, consequência do atentado de 11 de setembro, com o advento da guerra assimétrica e a preocupação com a segurança dos operadores, conclui-se que os drones tiveram um terreno fértil para crescer nos EUA. Por fim, na última seção, a seguir, será verificado o grau de aderência entre as teorias propostas e o objeto da pesquisa.

4.3 AS ESTRATÉGIAS COERCITIVAS E DISSUASIVAS NO EMPREGO DE ARP NO PAQUISTÃO

Após uma abordagem econômica e motivacional, que permitiu visualizar como se deu a alavancagem na utilização de drones, também foram vistas as particularidades de um combate com oponentes não estatais, que evidenciam as vantagens da utilização de meios aéreos no combate a organizações terroristas no Paquistão.

A pesquisa documental feita evidencia que, em 2010, quando Obama se reelegeu, ocorreu um aumento significativo no emprego de drones em território paquistanês, aumento associado ao baixo valor da operação, se comparado aos custos da operação com um F-35, e à segurança do piloto. Além disso, e possivelmente o mais importante dos motivos, havia uma

pressão popular para a desmobilização das tropas norte-americanas que estavam destacadas em outros países. No ambiente descrito, Obama utiliza o drone, de certa forma, como instrumento político e militar, mais intensamente do que Bush.

Esse reconhecimento é importante para a verificação de qual estratégia de dissuasão e de coerção foi empregada no objeto escolhido. Destarte, isso permite confrontar a realidade com as teorias de Pape (1996) e de Mearsheimer (1983). Cabe ressaltar que, apesar de não ter defendido nenhuma estratégia aérea, a concepção de dissuasão de Mearsheimer (1983) servirá como uma excelente ferramenta de análise nesta pesquisa.

Para a comparação aqui proposta, cabe rever brevemente os conceitos apresentados no segundo capítulo. Sendo assim, a partir das estratégias aérea coercitiva de decapitação e dissuasiva de negação, será analisado se existem pontos de aderência entre elas e a utilização dos ARP em ataques na região das FATA. É importante destacar que as teorias privilegiadas vislumbravam a guerra convencional e não o conflito irregular que ocorreu no Paquistão – conflito com forças irregulares que não estabelecem padrões de planejamento e de execução como forças organizadas –, o que não impede sua aplicação no presente estudo.

Conforme apresentado anteriormente, grande parte dos ataques com ARPs no Paquistão teve como objetivo dismantelar organizações terroristas por meio da decapitação de seus líderes ou membros significativos. Segundo os dados apresentados por Grossman (2018), que correlacionam quantidades de ataques e de lideranças decapitadas, percebe-se que todas as ações tiveram sucesso. Com o espaço amostral apresentado, é possível concluir que a busca por lideranças fez parte da campanha dos governos de Bush e de Obama.

Além disso, o aperfeiçoamento da utilização dos drones ampliou suas tarefas, permitindo uma maior flexibilidade do vetor aéreo para além das missões de reconhecimento. Com o advento do armamento e de sua utilização realizando assassinatos seletivos, há uma maior precisão nos ataques ao solo. Além disso, os drones chegavam a voar por mais de 24

horas permitindo aos pilotos e às tropas estadunidenses melhor identificação e gerenciamento de seus HVT.

Tal fato e a precisão do armamento utilizado possibilitaram atingir a direção da *Al Qaeda* e possíveis futuros líderes, ou seja, o ponto principal da teoria dos cinco círculos de Warden (COUTAU-BÉGARIE, 2010).

Isso corrobora também com o que pontua Pape (1996), quando compara a liderança de um grupo ao cérebro humano, sendo assim basta isolar a liderança de suas unidades no campo para que os grupos percam direção estratégica ou tenham dificuldades para se ajustar aos movimentos inimigos.

Pode-se dizer que, com a utilização de ARP, no território paquistanês, as tropas estadunidenses, sem comprometer a sua própria segurança, cumpriram a missão de remover HVT e lideranças terroristas. Identifica-se, portanto, a aderência à estratégia de decapitação nesses ataques, pois os EUA queriam acabar com as principais lideranças da *Al Qaeda*, conduzindo o grupo ao colapso e ao desmantelamento.

No que tange à aderência à dissuasão – que teve seu ápice durante a Guerra Fria com o advento das armas nucleares e, mais recentemente, com os submarinos nucleares –, identifica-se que ocorreu uma mudança no *status quo* dos grupos terroristas com os ataques ocorridos nas regiões das FATA, principalmente da *Al Qaeda*. Essa mudança de comportamento e, no caso, em lide, para evitar os ARPs, é uma demonstração contemporânea de dissuasão sendo utilizada em um conflito irregular.

Em uma carta recuperada de um dos seus esconderijos, Osama Bin Laden expressava preocupação com a limitação proporcionada pelos drones, com as mortes de líderes experientes da *Al Qaeda* e a conseqüente ascensão de líderes mais novos, inexperientes, e não tão habilidosos como os antecessores (BYMAN, 2015).

Analisar que se trata apenas da estratégia de decapitação não estaria totalmente incorreto, mas, segundo Byman (2015), essas mesmas cartas também traziam recomendações para evitar os drones, como permanecer escondido em cavernas ou embaixo de árvores de copa grande, evitar se deslocar, principalmente de carro, pois isso facilitaria o reconhecimento – caso em que deveriam espalhar vidros para prejudicar a detecção –, e evitar a utilização de dispositivos móveis.

Tal conjunto de recomendações demonstra que tinham conhecimento da capacidade dos sensores utilizados pelos drones. Além dessas, para o comportamento individual, recomendava-se ainda a não criação de campos de treinamento, pois a assinatura visual do local seria um indício para a vigilância ininterrupta de um drone. Isso acarretou a diminuição da capacidade operativa da *Al Qaeda*. Só de imaginar que poderia haver um drone sobrevoando o local já levava a uma negação e mudança de comportamento, o que é uma aplicação clara e direta de dissuasão por negação, que é executada sem a realização de um ataque.

Pode-se afirmar que a utilização de ARP, no Paquistão, cumpriu a missão de dissuadir as lideranças, membros-chaves e experientes da *Al Qaeda*, mudando completamente o seu *status quo* sem comprometer a segurança dos militares estadunidenses. Identifica-se a aderência à dissuasão por negação, pois os EUA queriam também limitar e amedrontar as mais importantes lideranças da organização apenas com a possibilidade de haver uma ARP sobrevoando a região.

Com base nessas informações, é possível, então, associar as duas estratégias e se obter conclusões mais interessantes. O estudo demonstra que parecem estar intimamente ligadas e, por vezes, podem ser utilizadas de modo complementar, uma vez que com um simples lançamento de um ARP é possível o emprego de ambas simultaneamente. Dito de outro modo, a mera suspeita de uma ação com drone já é capaz de mudar o comportamento de membros das

organizações terroristas e, como tem tecnologia suficiente para tal, o drone, caso identifique algum HVT, utilizará a estratégia de decapitação e certamente logrará êxito.

É provável que o uso da decapitação como estratégia de punição não derrubasse os governos, fomentando rebelião popular ou golpe. Provavelmente a investida aérea nesse caso seja um instrumento fraco e pouco eficaz para produzir rebeliões populares, principalmente porque o conflito com um estrangeiro tipicamente desencadeia forças políticas, como nacionalismo, que reforçam a resistência de lutar em favor até mesmo de impopulares.

Assim, confirma-se o objetivo do estudo, pois se verifica que o emprego do drone em território paquistanês, em alvos pontualmente selecionados, tem aderência ao emprego simultâneo da dissuasão por negação e da coerção por decapitação. Dessa forma, após concluída essa importante etapa, no capítulo seguinte, será realizada uma análise conclusiva com o intuito de identificar os mais importantes aspectos que permitiram a resposta ao tema aqui apresentado.

5 CONCLUSÃO

O propósito da pesquisa foi verificar a aderência entre a realidade dos recentes ataques utilizando drone, para efetuar assassinatos seletivos, no Paquistão, e as visões teóricas dos cientistas políticos Robert Pape (1996), o emprego coercitivo do meio aéreo de decapitação, e John Mearsheimer (1983), o emprego da estratégia de dissuasão por negação, as quais analisam-se que estão intimamente ligadas e podem ser consideradas complementares. Privilegiou-se também as considerações de Warden e seu modelo dos cinco círculos pela aproximação com a decapitação.

Para atingir o propósito, o estudo foi dividido em cinco capítulos. Uma introdução, na qual foi possível delinear o objeto, a metodologia e o escopo da pesquisa. Em seguida, no capítulo dois, demonstrou-se o arcabouço teórico, definindo-se dissuasão e coerção, a partir das quais procurou-se constatar quais são as categorias de estratégias dissuasivas e coercitivas em utilização pelo poder aéreo atualmente para, então, expor, de forma mais detalhada, os modelos teóricos de Mearsheimer (1983) e de Pape (1996).

Com o estudo, foi possível verificar que o foco da discussão havia mudado após o término da Guerra Fria. A dissuasão deixou de ser o centro dos debates, dando espaço à coerção, entretanto os conceitos de dissuasão pela punição e pela negação continuaram presentes. A partir do estudo da coerção, foram apresentados novos conceitos, as estratégias de negação, punição, risco e decapitação, com seus aspectos positivos e negativos.

Pape afirmava que apenas a negação seria suficiente para derrotar o inimigo, mas haveria uma limitação de seu uso em conflitos irregulares. Além disso, não considerava seu uso combinado com outras estratégias. Quanto à decapitação, o teórico faz uma comparação sobre a liderança de um grupo terrorista ser como o cérebro humano, pois sem ele o corpo fica anulado.

Interessante pontuar que tanto Pape quanto Warden consideram decapitação da liderança como chave para o sucesso da estratégia. Ainda, foi observado que dissuasão e coerção são complementares e não mutuamente excludentes, além do que, dependendo da ocasião, podem ocorrer simultaneamente. Contrapondo o senso comum de que a coerção se inicia quando a dissuasão se encerra. Foram analisados ataques realizados a forças militares e insurgentes com cuidado para não descaracterizar/modificar as estratégias propostas.

No capítulo três, foram listados os motivos e de que forma aconteceram as ações com drones no Paquistão, em 2004. Foi possível verificar o estreitamento, principalmente econômico, entre EUA e Paquistão, após os atentados de 11 de setembro e o início da utilização dos drones decapitando lideranças da *Al Qaeda* e do Talibã, ações iniciadas por Bush e continuadas por Obama.

Além disso, foi feita uma análise qualitativa e quantitativa dos ataques realizados em busca das lideranças insurgentes. Também foi verificado que os grupos eram instruídos sobre como evitar a exposição e não se tornar alvo, principalmente os mais experientes, demonstrando o efeito dissuasivo do drone. Embora a dissuasão tenha sido aplicada em contexto não tradicional, no estudo, mostrou-se eficiente.

Em seguida, apresentou-se o custo-benefício da utilização de drones no Paquistão, salientando-se que não se investigou os efeitos colaterais, mas as particularidades do emprego de ARP em conflitos com atores não estatais. Dessa forma, foi possível confrontar a realidade do objeto de pesquisa com as teorias selecionadas.

Concluiu-se que a estratégia aérea coercitiva de decapitação, preponderantemente materializada pelo uso dos drones, produziu um efeito dissuasório de negação, comprovado pelas instruções deixadas por Osama Bin Laden. É importante destacar que a pesquisa demonstrou que o drone pode, simultaneamente, dissuadir negando a liberdade do alvo bem

como decapitá-lo caso seja encontrado, logo a realidade tem alto grau de aderência com as teorias escolhidas.

Como já mencionado, não se tem pretensão de esgotar o assunto. Sendo assim, foram sinalizados alguns pontos de interesse para futuras pesquisas, principalmente no campo da legalidade jurídica e no que tange ao aprofundamento do estudo sobre as estratégias dissuasivas com o emprego de ARPs.

Finalmente, destaca-se que a MB está aprimorando seus conhecimentos sobre esse meio aéreo, materializado com a criação do 1º Esquadrão de Aeronaves Remotamente Pilotadas de Esclarecimento (EsqdQE-1), o primeiro esquadrão de ARPs da MB, com intuito de utilizá-las em operações navais. Nesse sentido, é importante utilizar o conhecimento que outras nações possuem, principalmente sobre as possibilidades que tal vetor pode desempenhar, e garantir uma transição segura e equilibrada na sua utilização, que deve estar sempre alinhada com o planejamento estratégico da MB.

REFERÊNCIAS

ASLAM, Wali. **The United States and great power responsibility in international society**. London: Routledge, 2013.

BYMAN, Daniel. ***Al Qaeda, the Islamic State, and the global jihadist movement: what everyone needs to know***. New York: Oxford University Press, 2015.

BYMAN, Daniel; WAXMAN, Matthew. **The dynamics of coercion: American foreign policy and the limits of military might**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

CALLIMACHI, Rukmini. **Rukmini callimachi of associated press**, 2013. Disponível em: <<https://www.pulitzer.org/finalists/rukmini-callimachi-0>>. Acesso em: 12 jul. 2020.

CORTRIGHT, David; FAIRHURST, Rachel; WALL, Kristen (Orgs.). **Drones and the future of armed conflict: ethical, legal, and strategic implications**. Chicago: The University of Chicago Press, 2015.

COUTAU-BÉGARIE, Hervé. **Tratado de estratégia**. Tradução de Brigitte Bentolila de Assis Manso. Rio de Janeiro: Escola de Guerra Naval, 2010.

DOUHET, Giulio. **The command of the air**. Translated by Dino Ferrari. New York: Coward-McCann, 1942. 405 p.

FILIPPIDOU, Anastasia. **Deterrence Concepts and approaches for current and emerging threats**. Switzerland: Springer, 2020

GELTER, Jeremiah. U.S. **Unmanned Aerial Systems**. Washington: Congressional Research Service, 2012. Disponível em: <<https://crsreports.congress.gov/product/pdf/R/R42136> >. Acesso em: 11 jul. 2020.

GETTINGER, Dan. **Summary of drone spending in the FY 2019 defense budget request**. 2018. Disponível em: <<https://dronecenter.bard.edu/files/2018/04/CSD-Drone-Spending-FY19-Web-1.pdf>>. Acesso em: 25 jul. 2020.

GREENHILL, Kelly M.; KRAUSE, Peter (Orgs.). **Coercion: the power to hurt in international politics**. New York: Oxford University Press, 2018.

GROSSMAN, Nicholas. **Drones and terrorism: asymmetric warfare and the threat to global security**. London: I. B. Tauris, 2018.

HERSEY, John. **Hiroshima**. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

HIMES, Kenneth R. **Drones and the Ethics of Targeted Killing**. Lenham, Maryland: Rowman & Littlefield, 2016.

HIPPLER, Thomas, **Bombing the people: Giulio Douhet and the foundations of air-power strategy, 1884–1939**. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.

INTERNATIONAL COMMITTEE OF THE RED CROSS. **IHL and other legal regimes**. 2010. Disponível em: <<https://www.icrc.org/en/document/ihl-and-other-legal-regimes>>. Acesso em: 01 jul. 2020.

JONES, Owen Bennett. **Pakistan: eye of the storm**. New Haven: Yale University Press, 2002

KAAG, John; KREPS, Sarah. **Drone Warfare**. Cambridge: Polity Press, 2014.

KNOPF, Jeffrey W. The Fourth Wave in Deterrence Research. **Contemporary Security Policy**, [S.l.], v. 31, n. 1, p. 1-33, abr. 2010. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1080/13523261003640819>>. Acesso em 24 jul. 2020

KRONSTADT, K. Alan. **Pakistan-U.S. Relations: Issues for the 114th Congress**. Washington: Congressional Research Service, 2015. 21 p. Disponível em: <<https://crsreports.congress.gov/product/pdf/download/R/R44034/R44034.pdf/>>. Acesso em: 25 jul. 2020.

LAHOUD, Nelly *et al.* **Letters from abottabad: bin ladin sidelined?**. New York: Combating Terrorism Center, 2012. Disponível em: <<https://apps.dtic.mil/dtic/tr/fulltext/u2/a560875.pdf>>. Acesso em: 26 jul. 2020.

MAYER, Jane. The Predator War: what are the risks of the C.I.A's covert drone program?. **The New Yorker**, New York, 19 oct. 2009. Disponível em: <<https://www.newyorker.com/magazine/2009/10/26/the-predator-war>. Acesso em: 25 jul. 2020>.

MEARSHEIMER, John J. **Conventional deterrence**. Ithaca: Cornell University Press, 1983.

MINGST, Karen A. **Princípios de relações internacionais**. 6. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2014.

NEW AMERICA. **The Drone War in Pakistan**. Disponível em: <<https://www.newamerica.org/international-security/reports/americas-counterterrorism-wars/the-drone-war-in-pakistan/>>. Acesso em: 11 jul. 2020.

OBAMA, Barack. **Remarks by the President at the National Defense University**: 23 May, 2013. Washington, DC: Fort McNair, 2013. Disponível em: <<https://www.whitehouse.gov/the-press-office/2013/05/23/remarks-president-nationaldefense-university>>. Acesso em: 2 jul. 2020.

PAPE, Robert Anthony. **Bombing to Win: air power and coercion at war**. Ithaca: Cornell Paperbacks, 1996.

PERON, Alcides Eduardo dos Reis; DIAS, Rafael de Brito. 'No boots on the ground': reflections on the us drone campaign through virtuous war and STS theories. **Contexto Internacional**, Rio de Janeiro, v. 40, n. 1, p. 53-71, abr. 2018. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/s0102-8529.2017400100003>>. Acesso em: 10 jul. 2020

RAVICHANDRAN, Sharanya. **Non-state conflict and the transformation of war**. 2011. Disponível em: <https://www.e-ir.info/pdf/12948>. Acesso em: 2 jul. 2020.

ROGGIO, Bill; MAYER, Alexander. Analysis: a look at US airstrikes in Pakistan through September 2009. **FDD's Long War Journal**. Disponível em: https://www.longwarjournal.org/archives/2009/10/analysis_us_airstrik.php. Acesso em: 02 jul. 2020.

THE BUREAU OF INVESTIGATION JOURNALISM. **Pakistan drone statistics visualised**. 2012. Disponível em: <https://www.thebureauinvestigates.com/stories/2012-07-02/pakistan-drone-statistics-visualised>. Acesso em: 11 jul. 2020.

VISACRO, Alessandro. **Guerra irregular: terrorismo, guerrilha e movimentos de resistência ao longo da história**. São Paulo: Contexto, 2009.

WARDEN, John A. Employing air power in the twenty-first century. In: SHULTZ JUNIOR, Richard H.; PFALTZGRAFF JUNIOR, Robert L. (ed.). **The future of air power in the aftermath of the Gulf War**. Alabama: Air University Press, 1992. p. 65 *apud* PAPE, Robert Anthony. **Bombing to Win: air power and coercion at war**. Ithaca, New York: Cornell Paperbacks, 1996, p. 79.

_____. **The Air Campaign: planning for combat**. São Francisco: Tannenber Publishing, 2014.

WENGER, Andreas; WILNER, Alex. **Deterring terrorism: theory and practice**. Stanford: Stanford University Press, 2012.

WOLOSZYN, André. **Terrorismo Global: aspectos gerais e criminais**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2010.

ANEXO A



FIGURA 2 - Mapa das FATA
Fonte: KRONSTADT, 2015.

ANEXO B

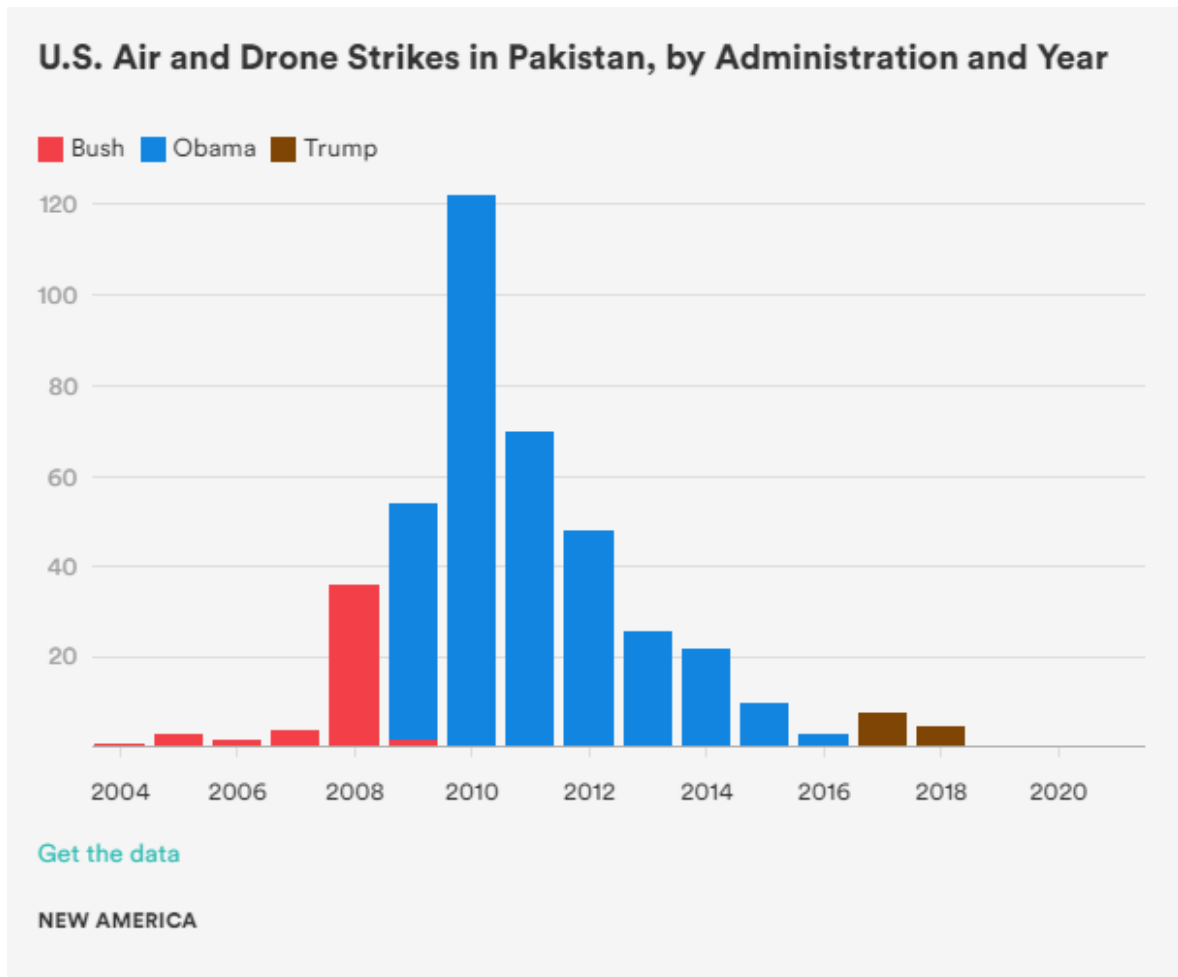


GRÁFICO 1 - Ataques de Drones pelos EUA por presidente (2004 – 2020)
Fonte: NEW AMERICA, 2020.

ANEXO C

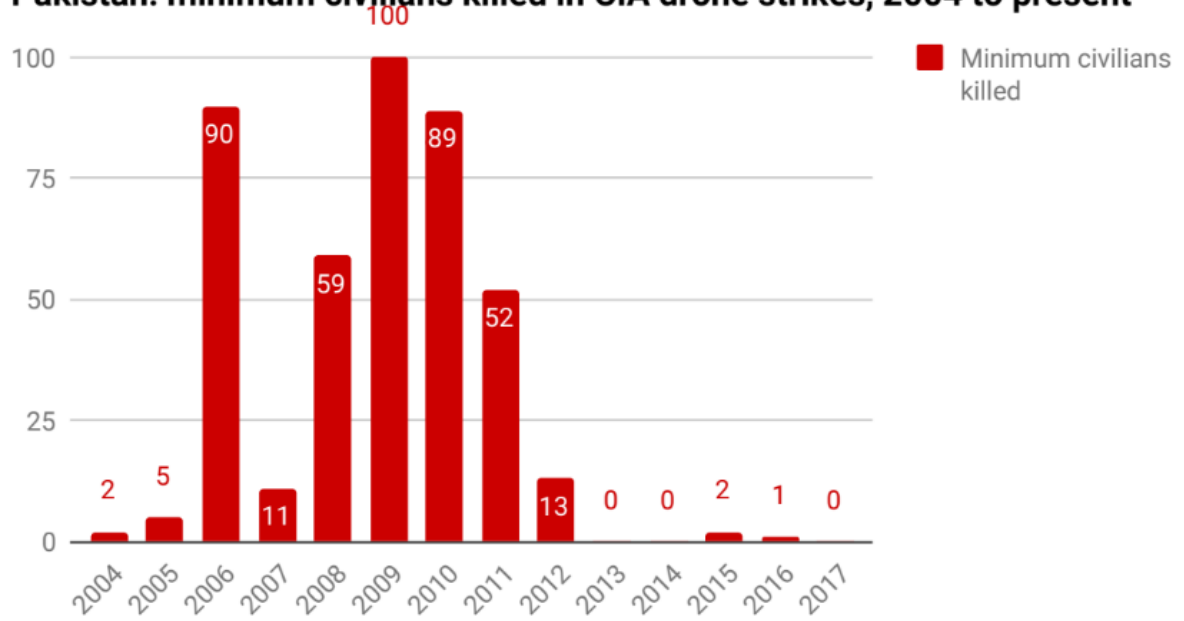
Pakistan: minimum civilians killed in CIA drone strikes, 2004 to present

GRÁFICO 2 - Número de baixas civis em ataques por drones no Paquistão desde 2004 até 2017
Fonte: THE BUREAU OF INVESTIGATION JOURNALISM, 2012.

ANEXO D

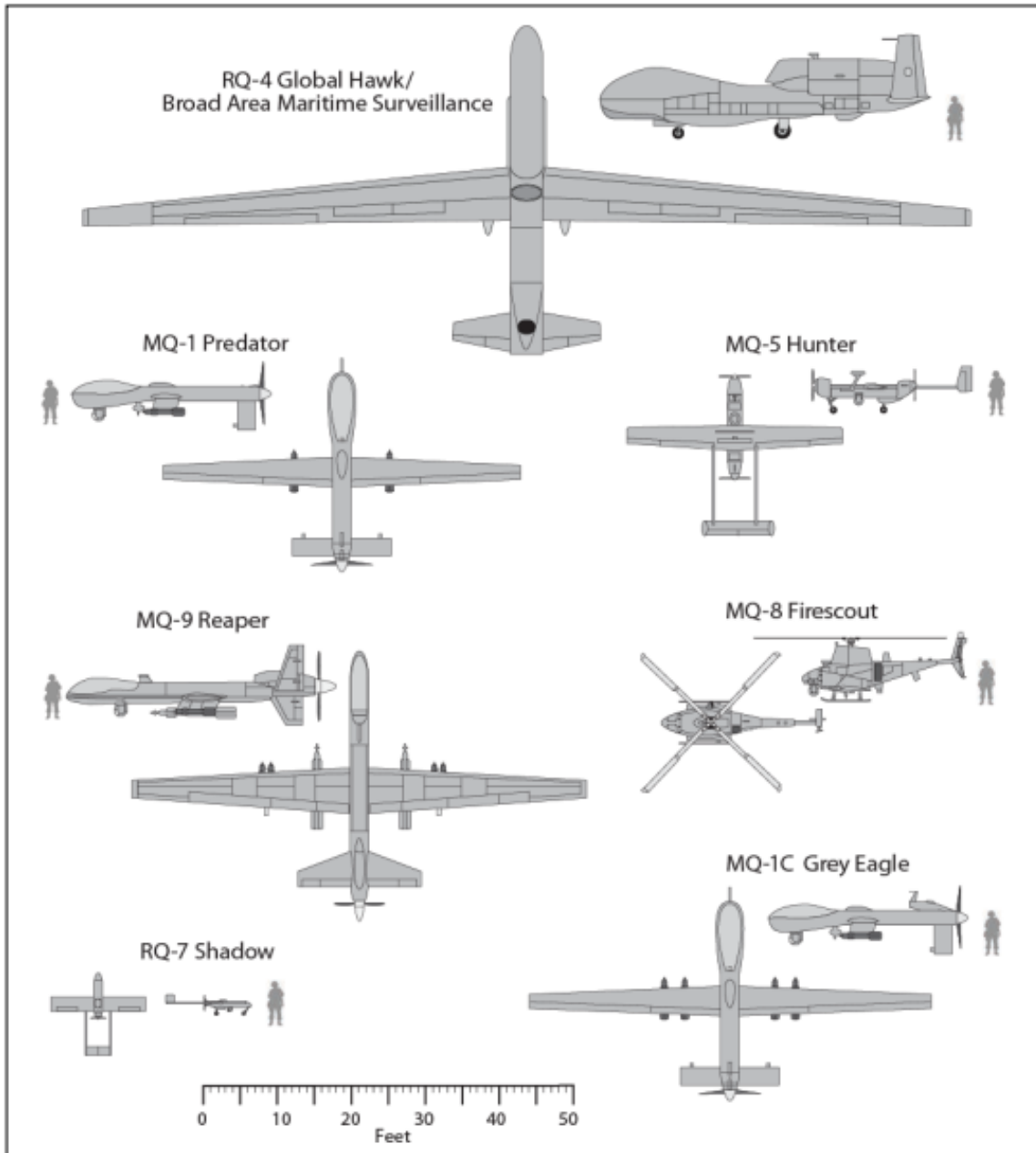


FIGURA 3 - Principais modelos de drones utilizados pelos EUA
Fonte: GELTER, 2012.